



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

MARIA JURACY FILGUEIRAS TONELI

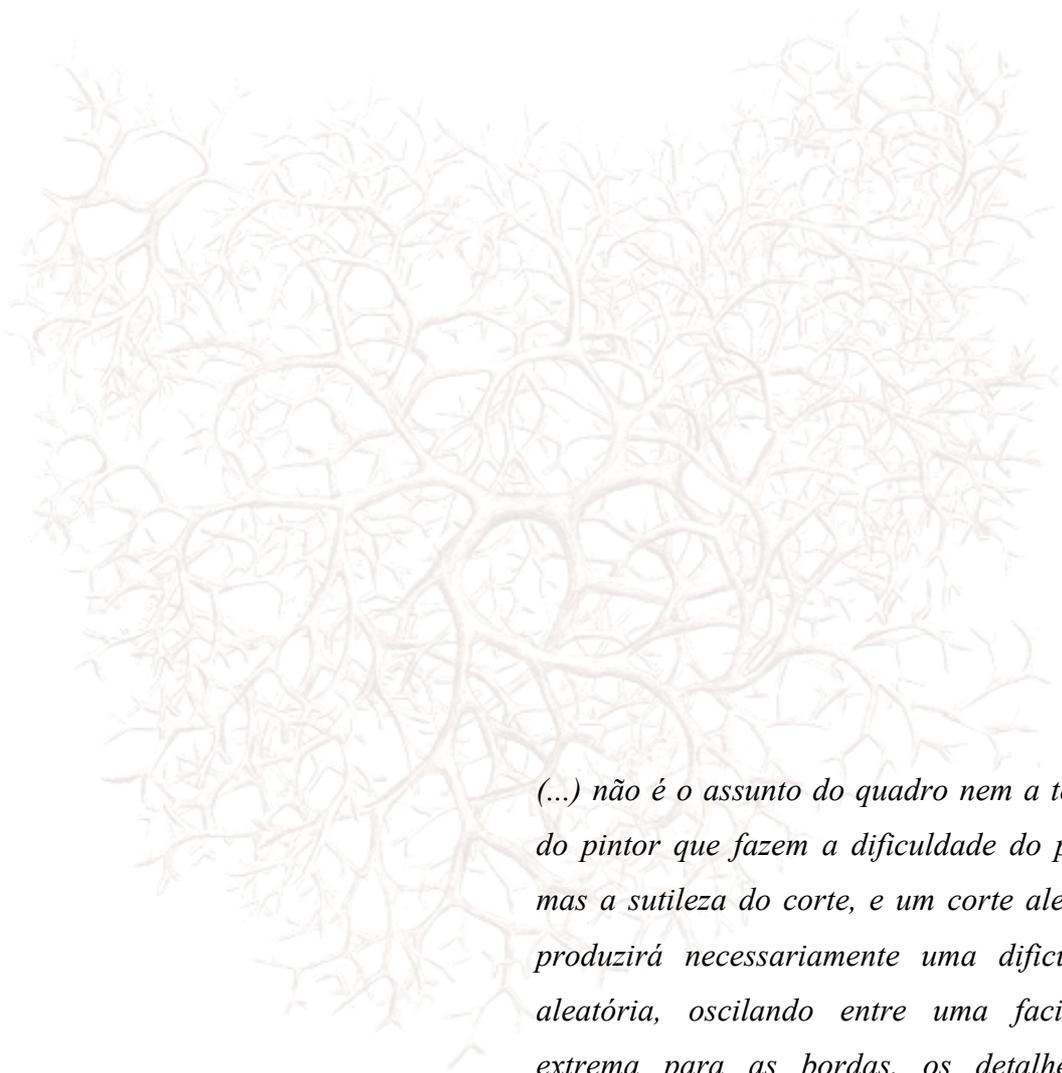
**MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA)
PARA AVALIAÇÃO COM A FINALIDADE DE PROMOÇÃO A
PROFESSOR TITULAR**

Florianópolis/SC

2014



Aos meus filhos
sempre.



(...) não é o assunto do quadro nem a técnica do pintor que fazem a dificuldade do puzzle, mas a sutileza do corte, e um corte aleatório produzirá necessariamente uma dificuldade aleatória, oscilando entre uma facilidade extrema para as bordas, os detalhes, as manchas de luz, os objetos bem definidos, os traços, as transições, e uma dificuldade fastidiosa para o resto: o céu sem nuvens, a areia, a pradaria, as lavouras, as zonas de sombra, etc.

(PEREC, 2009, p. 12)



SUMÁRIO

1 IDENTIFICAÇÃO	7
2 A DIFÍCIL ARTE DE ME CONTAR	9
3 TEMPOS DE GRADUAÇÃO	14
4 OS DISPARADORES DA VIDA PROFISSIONAL	17
5 A CARREIRA ACADÊMICA PROPRIAMENTE DITA	20
5.1 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA	20
5.2 AS ATIVIDADES DE PESQUISA	27
5.3 AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO	42
5.4 OUTRAS ATIVIDADES IMPORTANTES	47
4 ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS	48
REFERÊNCIAS	53
ANEXOS	55
ANEXO 1 - COMPROVAÇÃO PESQUISA PRODIR/CARLOS CHAGAS	55
ANEXO 2 - COMPROVAÇÃO ORGANIZAÇÃO COLETÂNEA RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS IFES	56
ANEXO 3 - COMPROVAÇÃO CAPÍTULO PUBLICADO EM COLETÂNEA RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS IFES	57
ANEXO 4 - COMPROVAÇÃO CAPÍTULO PUBLICADO EM COLETÂNEA RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS IFES	58
ANEXO 5 - COMPROVAÇÃO DE FINANCIAMENTO DE PROJETO QUE POSSIBILITOU A REALIZAÇÃO DO “Seminário e Workshop Internacional Políticas de Atenção a Homens Autores de Violência contra a Mulher”	59
ANEXO 6 - COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA RESULTANTE DE TRABALHO DE PESQUISA FINANCIADA PELO CNPq	60
ANEXO 7 - COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA RESULTANDO DO ENCONTRO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9	61
ANEXO 8 - COMPROVAÇÃO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL UFMG	62
ANEXO 9 - COMPROVAÇÃO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL UMINHO/PT	63
ANEXO 10 - COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA RESULTANTE DE DA 1ª. JORNADA <i>MARGENS</i> COM TRABALHOS DE EGRESSOS DO NÚCLEO (MESTRADO E DOUTORADO)	64
ANEXO 11 - COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA RESULTANTE DA 2ª. JORNADA <i>MARGENS</i> COM TRABALHOS DE	65



EGRESSOS DO NÚCLEO (MESTRADO E DOUTORADO)

ANEXO 12 - COMPROVAÇÃO DE PRÊMIO RECEBIDO DA ABRAPSO POR TRABALHO ORIENTADO (POSTERIORMENTE PUBLICADO NA REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE)	66
ANEXO 13 - COMPROVAÇÃO DE PRÊMIO RECEBIDO DA ABRAPSO POR TRABALHO ORIENTADO (PIBIC) E APRESENTADO NO FORMATO PÔSTER	67
ANEXO 14 - COMPROVAÇÃO DE CAPÍTULO NO LIVRO GÊNERO E CIÊNCIAS SOCIAIS PUBLICADO EM PORTUGAL	68
ANEXO 15 - COMPROVAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE CAPÍTULO NO HANDBOOK OF INTERNATIONAL FEMINISMS	69
ANEXO 16 - COMPROVAÇÃO DE CONVITE PARA SER OBSERVADORA BRASILEIRA NA REUNIÃO PREPARATÓRIA DA 48ª. SESSÃO DA CSW/ONU	70
ANEXO 17 - COMPROVAÇÃO DE PROJETO REALIZADO JUNTO À DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER EM FLORIANÓPOLIS EM 2007	71
ANEXO 18 - COMPROVAÇÃO DE PROJETO REALIZADO JUNTO À DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER EM FLORIANÓPOLIS EM 2008	72
ANEXO 19 - COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA EM PARCERIA COM PROFISSIONAIS DA DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER EM FLORIANÓPOLIS	73
ANEXO 20 - COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA SUBCHEFIA DO DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA/UFSC	74
ANEXO 21 - COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE COORDENADORA DO PPGP/UFSC NO PERÍODO DE 2000 A 2002	75
ANEXO 22 - COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE COORDENADORA DO PPGP/UFSC NO PERÍODO DE 2002 A 2004	76
ANEXO 23 - COMPROVAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO DO CFH NA CÂMARA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA UFSC	77
ANEXO 24 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO DE GERÊNCIA E PLANEJAMENTO DO PROF/CAPES/UFSC	78
ANEXO 25 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA DIRETORIA DA ANPEPP GESTÃO 2004-2006	79
ANEXO 26 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO QUALIS/CAPES DA ÁREA DA PSICOLOGIA REPRESENTANDO A ANPEPP NO BIÊNIO 2004-2005	80
ANEXO 27 - COMPROVAÇÃO DE COORDENAÇÃO DO SIMPÓSIO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA ANPEPP EM 2006	81
ANEXO 28 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO CONTINUADA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM	82



PSICOLOGIA/CAPES EM 2005

ANEXO 29 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO CONTINUADA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/CAPES EM 2006 83

ANEXO 30 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO TRIENAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/CAPES EM 2007 84

ANEXO 31 - COMPROVAÇÃO DE NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE DIRETORA DO CFH/UFSC NO PERÍODO DE 2004 A 2008 85

ANEXO 32 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO COMITÊ DE ASSESSORAMENTO DE PSICOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL JUNTO AO CNPQ NO PERÍODO DE SETEMBRO DE 2011 A AGOSTO DE 2014 86

ANEXO 33 - COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA DA UFSC 87

ANEXO 34 – COMPROVAÇÃO DE COEDITORIA DA REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE 88



1 IDENTIFICAÇÃO

Nome

Maria Juracy Filgueiras TONELI

Nome em citações bibliográficas (conforme consta no CV Lattes/CNPq)

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI; Tonelli, M. J. F.; TONELI, J.; TONELI, M. J.; FILGUEIRAS TONELI, M. J.; TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; SIQUEIRA, M. J. T.

Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1437430258647523>

Endereço Profissional

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia.
Campus Universitário
Trindade
88040900 - Florianópolis, SC - Brasil
Telefone: (48) 37218215
Fax: (48) 4837219984

Formação acadêmica/titulação

1993 - 1997

Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

Universidade de São Paulo, USP, Brasil.

Título: A constituição do sujeito e a divisão sexual do trabalho na família: análise do caso de um homem dono-de-casa, Ano de obtenção: 1997.

Orientador: Profa. Dra. Sylvia Leser de Mello.

Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Psicologia / Subárea: Psicologia.

1984 - 1988

Mestrado em Educação.

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Brasil.

Título: O Poder Disciplinar No Cotidiano Da Escola, Ano de Obtenção: 1988.

Orientador: Prof. Dr. Selvino Jose Assmann.

Palavras-chave: poder disciplinar; cotidiano; escola.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Educação.

1984 - 1988

Especialização em Psicoterapia Psicodramática. (Carga Horária: 406h).

Federação Brasileira de Psicodrama.

1975 - 1979

Graduação em Psicologia.

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.

Pós-doutorado

2009 - 2010

Pós-Doutorado.

Universidade do Minho, UMINHO, Portugal.

Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, Brasil.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Psicologia / Subárea: Psicologia Social.



2009 - 2009

Pós-Doutorado.

Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, Brasil.

Grande área: Ciências Humanas / Área: Psicologia / Subárea: Psicologia Social.





2 A DIFÍCIL ARTE DE ME CONTAR

Recordar: do latim re-cordis, tornar a passar pelo coração.

(GALEANO, 1991, p. 11)

Dedicar-me à tarefa de elaborar o memorial descritivo de minhas atividades na UFSC no período em que tenho sido docente efetiva do quadro do Departamento de Psicologia (março de 1982/outubro de 2014) não se mostra tarefa simples. Sua complexidade, no meu entender, deve-se a vários elementos, dentre os quais se encontram a quantidade e a diversidade das atividades por mim desenvolvidas nesses quase 33 anos. Difícil também é separá-las, ainda que didática e burocraticamente, entre suas naturezas distintas como ensino, pesquisa e extensão, uma vez que tentei, ao longo desses anos, trabalhá-las de forma integrada e interseccional. Sendo assim, essa separação no texto é quase que ficcional.

Nessa longa trajetória devo escolher aquilo que mereça ser lembrado, realçado ou descartado, o tom a imprimir ao meu relato, as luzes ou sombras que comporão o recorte. Lembro-me aqui de um trecho de Judith Butler¹ (1998, p.18), quando afirma que “Nenhum sujeito é seu próprio ponto de partida; e a fantasia de que o seja só pode desconhecer suas relações constitutivas refundindo-as como o domínio de uma externalidade contrabalançadora.” De sorte que utilizar o pronome na primeira pessoa do singular não significa que não esteja constituída pelas posições que “funcionam como princípios organizadores totalmente embutidos de práticas materiais e arranjos institucionais, aquelas matrizes de poder e discurso que me produzem como um ‘sujeito’ viável.” (BUTLER, 1998, p. 18).

¹ Embora a padronização adotada nesse trabalho utilize as normas da ABNT, seguirei algumas práticas adotadas nos trabalhos de autoras feministas: 1) na primeira vez em que o/a autor/a for mencionado/a será incluído o prenome como tentativa de visibilizar seu gênero; 2) a utilização de marcadores como o/a, os/as na tentativa de adoção de uma linguagem menos sexista, que rompa com o sujeito genérico gramatical masculino; 3) a inclusão, nas referências, do prenome do/as autores/as.



Esclareço que escolho trilhar por um estilo próximo ao autobiográfico inspirada pelo que algumas feministas discutem a respeito da experiência, uma vez que são as experiências que constituem sujeitos e não o contrário (SCOTT, 1998, p. 304). Recuperar mnemonicamente o que já se foi, portanto, implica tentativas de recuperar rastros do que me constitui, o que envolve lembranças que me afetam e interpelam sobre e nesse fazer. Como o puzzle da epígrafe que abre este Memorial, escolho tatear em busca não necessariamente de uma veracidade inquestionável dos fatos, pois como sugere Roger Chartier (2006, p. 2),

[...] quando a gente fala de si, constrói algo impossível de ser sincero, uma representação de si para os que vão ler ou para si mesmo. Gostaria de lembrar, a este propósito, o texto de Pierre Bourdieu sobre a ilusão biográfica ou a ilusão autobiográfica. Bourdieu critica este tipo de narrativa em que uma vida é tratada como uma trajetória de coerência, como um fio único, quando sabemos que, na existência de qualquer pessoa, multiplicam-se os azares, as causalidades, as oportunidades.

Portanto, o fio que me conduz não é propriamente linear e, muitas vezes, peregrinei tentando identificar as linhas de intensidade que se entrecruzam no rizoma da minha vida. Mais do que a tarefa formal, penso que se trata de uma oportunidade potente de multiplicar possibilidades, uma vez que o “acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.” (BENJAMIN, 1994, p. 37).

Aprendi com os feminismos, dentre tantas coisas, a problematizar os pressupostos modernos e cartesianos que, entre outros pilares, apostam na “ciência e no método científico”² como vias de acesso para a descoberta da “verdade”. Objetividade, imparcialidade, universalidade são construtos fundamentais nessa/para essa perspectiva, assim como a ideia de uma Razão incorporada no/pelo sujeito moderno uno, indivisível, coerente e consistente, masculino, branco, heterossexual, como denunciou a crítica feminista. Os pares binários como corpo-mente, sujeito-objeto, interno-externo, masculino-feminino, natureza-cultura, bem-mal, transversalizam essa racionalidade constituindo sujeitos no mundo por eles marcados.

O mal-estar gerado em mim por essas concepções levou-me cada vez mais a me posicionar academicamente a partir da intenção de me manter questionando-as, sabendo, de antemão, sua impossibilidade absoluta, sendo cunhada, eu mesma, por essa “racionalidade” moderna. A posição que escolho parte das ideias de “fundamentos contingentes” (BUTLER, 1998), “saberes localizados” (HARAWAY, 1995) e “ciência engajada” (HARAWAY, 1995).

² Quando coloco esses termos-conceitos entre aspas quero enfatizar que eles “estão sob crítica”, na busca por problematizá-los e designá-los “como lugares de debate político”. (BUTLER, 1998, p. 28).



Tenho travado, então, pequenos e grandes exercícios cotidianos de embate comigo mesma, na tentativa constante de desconstruir minhas concepções normativas e classificatórias, (de)formada que sou, também, no âmbito de uma disciplina “normatizadora” e “normalizadora” como a Psicologia.

Penso, portanto, serem necessários alguns esclarecimentos iniciais³.

Nasci mulher (ao menos de acordo com o que imediatamente poderia ser suposto a partir da designação do discurso biomédico), branca, em 1957, em Belo Horizonte, filha mais velha de um casal católico de herança europeia (italiana, espanhola e portuguesa) miscigenada com negros/as e indígenas, de camadas médias. Essa posição certamente me garantia alguns privilégios em um estado brasileiro com forte herança escravocrata que fazia com que as famílias brancas tivessem à sua disposição empregadas domésticas negras. Meus pais também se beneficiaram dessa condição, embora apenas anos depois do seu casamento, quando passaram a ter condições de pagar por esse trabalho. Meu nome é o mesmo de minha avó materna e de minha madrinha de batismo, irmã de minha mãe. A marca do nome inscreve-se na minha vida como o signo de uma tradição e, portanto, guarda suas ambiguidades com relação à herança e à regulação, servindo, também, como fonte de inspiração.

Meus pais procediam de cidades menores e o retorno à casa dos meus avós paternos, na ocasião das férias escolares, por mim era vivido com excitação e alegria pois significava a oportunidade de vivenciar o que me era interdito na capital: o convívio com a família ampliada; as brincadeiras no quintal em meio a árvores frutíferas, galinhas, patos, passarinhos; a comida elaborada no fogão a lenha e a água do banho por ele aquecida; as melodias assobiadas por minha avó; biscoitos de polvilho, broas de fubá e pães de queijo quentinhos para o café sempre sobre o fogão; o apito da maria-fumaça no morro atrás da casa; os bailes no único clube da cidade; o *footing* em torno do coreto da praça.

Minha mãe, formada em Odontologia na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1955, obteve o prêmio de melhor aluna da turma e bolsa de estudos para a Argentina, oportunidade da qual abdicou em função do casamento. Foi líder da JUC – Juventude

³ Penso mais especificamente na proposta de Adrienne Rich (2002) com a ideia de uma “política de localização”, ao denunciar a constante secundarização das questões raciais e de classe pelo feminismo branco liberal, propondo o corpo como o primeiro lugar da experiência. Rich não foi a única. É preciso destacar a importância de feministas como bell hooks, Gloria Anzaldúa, Gayatri Spivak, Audre Lorde, Cherríe Moraga, Judith Butler, dentre tantas outras que colaboraram para a elaboração de uma analítica interseccional, posicionada, entre sexo/gênero, raça/etnia, classe social, geração, dentre outros marcadores que nos constituem e posicionam como sujeitos no mundo. Nesta perspectiva, a despeito das diferenças entre as autoras, o pessoal, o público e o político são vistos como inexorável e profundamente interligados.



Universitária Católica – durante sua permanência na graduação. Sem exercer sua profissão depois de casada, por uma série de características pessoais e da época como a inexistência de creches, uma mãe adoentada, a insuficiência do salário do meu pai para contratar alguma ajuda nas atividades da casa e a inexistência de apoio familiar, dedicou-se durante toda sua vida à família e às filhas, não sem muito sofrimento e frustração. Em sua estante encontrei a obra “*O Segundo Sexo*”, de Simone de Beauvoir, considerada clássica pelas feministas. “Não se nasce mulher, torna-se mulher” materializava-se na minha casa, por meio dos ditames tradicionais de gênero que delegavam à mãe a inexorável tarefa da lida doméstica e dos cuidados das filhas, independente do seu desejo pela profissão. A nós filhas foi ofertada, à custa de muito sacrifício, uma educação formal de qualidade que culminou com o curso universitário das três. Paralelamente, como as famílias tradicionais mineiras o faziam, houve todo o aprendizado das tarefas consideradas femininas em casa.

Meu pai – o provedor - começou sua carreira como datilógrafo em um banco tradicional em Minas Gerais, sem nível de escolaridade superior na ocasião, viajando a trabalho de forma frequente e prolongada durante toda a minha infância e juventude. Aos 60 anos, formou-se em Direito pela Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, também como primeiro aluno da turma, realizando um sonho antigo. Hoje, com 84 anos, continua a advogar, elabora suas petições em um microcomputador e troca mensagens de e-mail com os/as netos/as. A dinâmica familiar e do casal (separado depois de mais de 30 anos de casamento) foi marcada por turbulências emocionais que deixaram efeitos em todos/as nós. Nesta dinâmica certamente as questões do sistema sexo-gênero⁴ já se faziam marcantes, embora eu não pudesse, na época, entendê-las desta forma.

Em torno dos meus 14 anos comecei a participar de um grupo de jovens de Igreja Católica, no qual tive a minha primeira oportunidade de convivência mais sistemática com populações de baixa-renda em Belo Horizonte, por meio de visitas domiciliares e trabalho em um restaurante da igreja que servia refeições aos moradores de uma comunidade próxima. Sob a liderança de um casal firmemente comprometido com o enfrentamento das desigualdades sociais, alicerçado na Teologia da Libertação, empreendi minhas primeiras

⁴ Para Gayle Rubin, o sistema sexo-gênero “é um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (RUBIN, 1975, p. 159). Note-se que aqui a autora parte de uma separação entre natureza e cultura que, embora já bastante problematizada, ainda parece funcionar como importante regulador da vida societária.



leituras e debates que propiciaram o embrião do meu ativismo. Cada vez mais distante da Igreja Católica e de qualquer outra religião, sigo até hoje militando em frentes diversas que, no entanto, são transversalizadas pelo enfrentamento das várias desigualdades e preconceitos.

Percorri um longo e tortuoso caminho desde então. São 57 anos vividos com intensidades distintas, repletos de alegrias e dores diversas, impregnados pelo convívio com amigos/as generosos/as que me acolheram, desafiaram, acompanharam em momentos e formas distintos. Os desafios que escolhi, os encantamentos que vivi, os aprendizados que me foram propiciados, os lutos que ainda não elaborei, todos eles constituem o que hoje posso chamar Juracy, Maria Juracy, Jura, Ju, essa multiplicidade de nomeações-posições-referências que me permitem, sempre provisoriamente, considerar-me “eu mesma”. É uma parte desse puzzle que será recuperada nesse Memorial⁵ atravessado pelas linhas duras institucionais, mas marcado pelas intensidades que singularizam meus desejos, desassossegos, peregrinações.

⁵ Outro esclarecimento importante nesse momento é que escolhi por não anexar documentos comprobatórios dos artigos publicados em periódicos científicos, entendendo que estão, em sua maioria absoluta, disponíveis online. Ao mencioná-los, quando possível, incluo em nota de rodapé a referência completa e o respectivo link de acesso. Quanto aos livros e capítulos, detive-me a anexar os comprovantes daqueles que julguei terem maior relevância, em especial as coletâneas que representam os esforços coletivos empreendidos pelo *Margens* e suas parcerias, bem como os publicados em livros estrangeiros. As atividades de ensino, pesquisa, extensão, participação em bancas e comissões julgadoras, assim como outras comissões (elaboração de regimentos, progressão funcional de colegas, avaliação de estágio probatório, validação de diplomas, dentre tantas outras) foram, todas elas, devidamente comprovadas/documentadas e analisadas nos processos anteriores de avaliação interna e, portanto, não considerei necessário que aqui constassem. Nos Anexos encontram-se as comprovações dos estágios pós-doutorais e das demais atividades que me parecem merecer destaque pelos aprendizados que proporcionaram. Todas elas estão referenciadas no rodapé com o número do anexo correspondente.



3 TEMPOS DE GRADUAÇÃO

A história também ensina a rir das solenidades de origem.

(FOUCAULT, 1979, p. 18)

Entrei no curso de graduação em Psicologia, na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1975, com 17 anos e, aos 19, casei-me com um jovem engenheiro eletricitista. Dois anos depois, prestes a completar minha graduação com quatro anos e seis meses de curso (um semestre a menos do usual), tive meu primeiro filho. O adiantamento da formatura foi possível graças à flexibilidade do currículo da época fruto de uma ampla reforma exaustivamente discutida com a comunidade do curso, aliada à premente transferência de meu ex-marido para Florianópolis.

Embora tenha realizado um curso de graduação em meio a preparativos para um casamento (1977) e, dois anos depois, uma gestação que culmina com um filho e a formatura, avalio que se tratou de uma experiência extremamente rica. O primeiro aspecto que ressalto foi o fato de realizar o curso em uma universidade federal, pública e gratuita, reconhecida como uma das melhores do país. Toda a minha formação posterior, assim como minha carreira acadêmica, também foram realizadas no âmbito de grandes universidades públicas. Aqui já identifico uma marca importante, uma vez que, além da qualidade inegável da formação em aspectos estritos, tive a oportunidade de desenvolver uma reflexão fundamental sobre o lugar e a responsabilidade da universidade pública no cenário da educação brasileira. Eis uma semente das discussões que vim a entabular mais tarde.

Durante a graduação, realizei estágios e cursos paralelos que me proporcionaram alguma formação na área de avaliação e medidas, em especial no que diz respeito à utilização dos testes psicológicos, com ênfase nas técnicas projetivas voltadas para a avaliação da chamada “personalidade” - conceito hoje em desuso. Cursei uma graduação formal marcada basicamente pela Análise Experimental do Comportamento, com uma pequena incursão pela



Psicanálise e, menos ainda, por outras abordagens teóricas. Contudo, tive a sorte de contar com alguns/mas bons/as professores/as que me proporcionaram certa base para as discussões que viria empreender posteriormente. Dentre eles/as, lembro-me de dois que haviam retornado da Inglaterra e que ministraram as disciplinas de Psicologia Experimental III e de Psicologia Social II. Na primeira, tomei contato com as diferenças entre método experimental e teoria behaviorista, tendo a oportunidade, por exemplo, de ler parte da obra de Jean Piaget e suas experiências com o método clínico. Na segunda, conheci um pouco do Interacionismo Simbólico e a Escola de Chicago, iniciando minhas leituras da obra de Erving Goffman. Embora não tenha trabalhado com essas perspectivas de forma mais detida – ainda que mais tarde continuasse a ler tanto obras filiadas à Epistemologia Genética, quanto ao Interacionismo Simbólico - considero importante seu ensino na graduação em Psicologia para que os alunos possam compreender suas contribuições para a área e seus efeitos até os dias atuais.

Dentre tantas situações anedóticas da minha graduação, lembro-me das minhas dificuldades em repetir as palavras fenomenologia e epistemologia. Se sequer conseguia repeti-las, imagine-se o quão difícil era compreender suas definições. Não tinha a menor ideia de que viria a me interessar pela Filosofia e pela Epistemologia anos mais tarde. Na realidade, discussões teórico-epistemológicas têm me ocupado de forma substancial, embora não publique muito sobre isso. As teorias feministas em suas várias modalidades epistemológicas chamam minha atenção há alguns anos, assim como aquelas que se dedicam ao que posso nomear, ao menos preliminarmente, de Teoria/Filosofia Política. Ter orientadores filósofos no Mestrado e no Doutorado também me parece um sinal desse interesse que me afeta de forma insistente há alguns anos.

Tive a oportunidade de realizar estágios diversificados que incluíram experiências em hospitais psiquiátricos públicos e privados, instituições encarregadas de avaliações para exames para habilitação de motoristas, banco privado, clínica infantil, arte-terapia, dentre outros que me proporcionaram reflexões importantes, em especial, sobre o que não gostaria de fazer ao longo da minha vida profissional.

Convivi, durante toda minha graduação, com o terror disseminado pelo arbítrio. Estudava na FAFICH (Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas) da UFMG, de onde se originavam várias formas de resistência à ditadura militar. Convivia diariamente com os infiltrados pelo sistema que eram encarregados de identificar os “subversivos”, assim como



minha família tinha membros diretamente envolvidos em movimentos e organizações de resistência. Vivendo na clandestinidade, pelo menos um deles foi morto pelos militares. Lembro-me de cenas particularmente impactantes, como os supostos “arrepentidos”, que, sob tortura, gravavam depoimentos veiculados pela rede televisiva. Penso que se trata de uma história que não pode cair no esquecimento. Em 2014, ao marcarmos de várias maneiras os 50 anos do golpe civil-militar e acompanharmos os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade – encarregada de investigar as violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado no Brasil, tivemos a oportunidade de rememorar coletivamente o que significou e significa o Estado de Exceção. Seus resquícios continuam nos assombrando ainda hoje, seja pela prática da tortura ainda cotidiana em muitos lugares deste enorme e desigual país, seja pelas inúmeras formas de intolerância que atravessam instituições e mesmo a sociedade civil em geral. Seus efeitos de poder incidem sobretudo sobre os mais pobres, negros e dissidentes.

Trago da minha graduação, em especial, a inquietude que me acompanha com relação a certos pressupostos de uma visão em psicologia ainda muito marcada pelos cientificismos universalizantes e naturalizantes, pelo descompromisso com a realidade e os problemas sociais, pelo caráter acríptico e a-histórico de suas proposições. Essa inquietude permanece ao longo dos anos e direciona certamente muitas das escolhas que fiz.

Por outro lado, ao término da minha graduação, além dos sonhos que me preenchiam, via-me às voltas com incertezas de todos os tipos. A única certeza que tinha, então, além de ser mãe e psicóloga recém-formada, era a de que eu me mudaria imediatamente para Florianópolis, onde meu ex-marido já se encontrava transferido a trabalho. Iniciava-se formalmente outro segmento do rizoma da minha vida, novos territórios existenciais a serem constituídos...



4 OS DISPARADORES DA VIDA PROFISSIONAL

Penso nesses objetos, nessas caixas, nesses utensílios que aparecem às vezes em galpões, em cozinhas ou esconderijos, *e cujo uso já ninguém é capaz de explicar*. Vaidade de crer que compreendemos as obras do tempo: o tempo enterra seus mortos e guarda as chaves. Somente nos sonhos, na poesia, no jogo - acender uma vela, andar com ela pelo corredor-, aproximamo-nos às vezes do que fomos antes de ser isto que ninguém sabe se somos.

(CORTÁZAR, 1982, p. 419)

Em agosto de 1979, logo em seguida à minha formatura, mudei-me para Florianópolis, com 21 anos de idade e um filho de quatro meses. Estrangeira em uma cidade ainda pequena embora capital do estado, sem família e amigos/as locais, busquei me adaptar e encontrar trabalho, além de me dedicar à minha iniciação na difícil tarefa da maternidade. A Psicologia ainda não se fazia muito presente para os/as moradores/as locais, que, com frequência, identificavam a área por meio da sua suposta atuação com a “loucura”.

Comecei a trabalhar como voluntária na Fundação Catarinense de Educação Especial, aguardando um possível concurso público e, simultaneamente, iniciei alguns atendimentos em consultório privado. Não me agradava essa prática isolada e buscava o convívio com outros/as profissionais da área.

Em fevereiro de 1980, fui contratada pelo Colégio Catarinense, administrado pela Companhia de Jesus, para atuar junto a professores e estudantes do ensino médio, além de lecionar a disciplina Psicologia no segundo ano deste nível. Única psicóloga a fazer parte da



equipe de Orientação Educacional, fui muito bem acolhida por colegas (mais velhos do que eu) e estudantes (pouco mais jovens do que eu). Essa experiência mostrou-se importante como a primeira com registro/contrato formal e propiciou aprendizados ricos no trabalho com grupos de docentes e discentes em uma escola da rede privada de ensino, de caráter religioso. Dispunha de horários semanais para trabalhos com cada turma, tanto na docência quanto na orientação. É importante registrar que a equipe de Orientação Educacional trabalhava de forma integrada com a de Orientação Religiosa, encontrando seus pressupostos em uma abordagem humanista alicerçada na Teologia da Libertação, o que veio a mudar mais tarde. Embora considerada progressista, a escolha dos jesuítas era marcada por fortes contradições pois, embora discursivamente afirmassem seu compromisso para com os “pobres” (conforme estabelecido pela III Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Puebla/México, em 1979), na prática eram encarregados da formação das elites locais. Conflitos com as famílias do alunado e mesmo entre as equipes de orientação, os docentes e os jesuítas eram constantes. Aqui novamente tomei contato com os desafios que nossas opções nos trazem e segui adiante fortalecendo minha escolha ético-política por trabalhar com as populações subalternizadas.

Já na UFSC, recebi ex-alunos do ensino médio no curso de graduação, sendo que alguns deles foram meus estagiários. Hoje tenho a oportunidade de lecionar para a filha de uma ex-aluna dessa época. Posso dizer que, embora a tarefa docente não estivesse claramente colocada no meu horizonte durante minha formação inicial (talvez devido ao fascínio que a “clínica privada” exercia), o ingresso no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina foi, aos poucos, estabelecendo-se como uma meta e insistentemente tentei dele me aproximar.

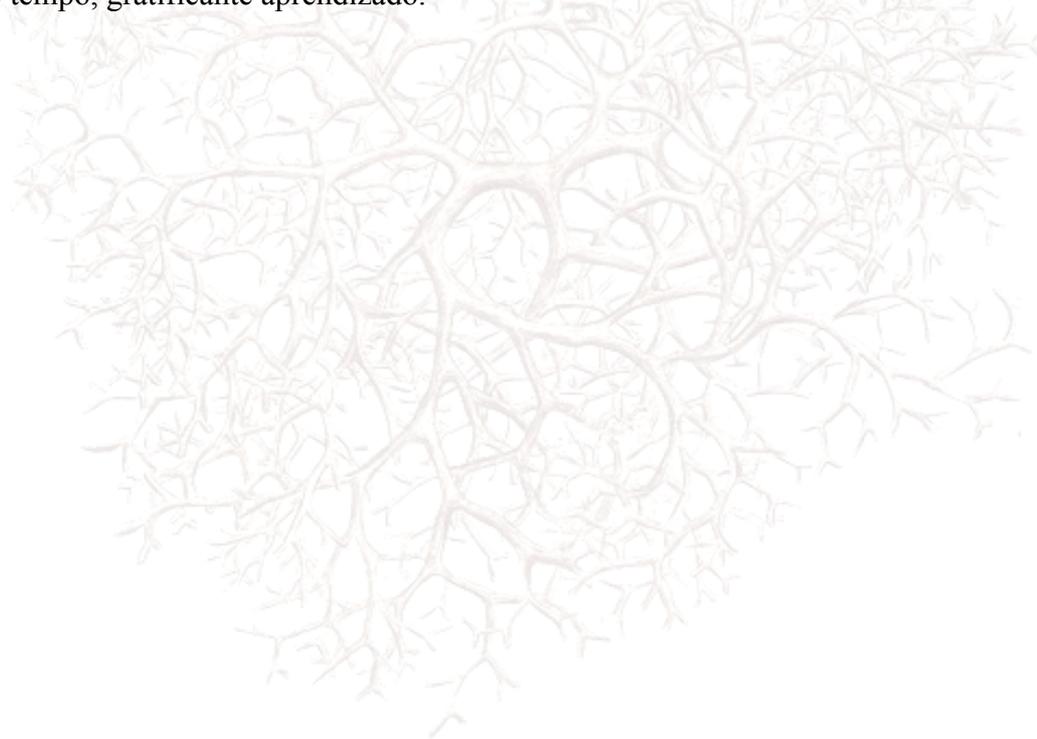
Após inúmeras tentativas, em agosto de 1981, fui contratada como professora substituta do Departamento de Psicologia da UFSC e, em novembro daquele mesmo ano, candidatei-me a uma vaga de docente efetiva na área de Testes Psicológicos. Naquele semestre, acumulei as duas frentes de trabalho: o Colégio Catarinense e a UFSC.

Aprovada no concurso, fui efetivada em março de 1982. Essa minha inserção, sem sequer ter realizado um curso de Mestrado, foi possível em função das peculiaridades da época. O sistema nacional de pós-graduação ainda não tinha a dimensão e a qualidade de hoje, sendo que muitos dos/as titulados/as haviam realizado seu Mestrado e/ou seu Doutorado fora do país, o que se mostrava inviável para mim. Além disso, a UFSC era uma universidade



jovem, fora do eixo Rio-São Paulo, que necessitava contratar profissionais oriundos/as de outras localidades. O curso de Psicologia encontrava-se em implantação, sem sequer ter graduado uma turma. Esse cenário permitia a contratação de professores auxiliares, como foi o meu caso.

Pouco antes de minha efetivação no quadro docente, dei à luz minha filha (fevereiro de 1982). Ou seja, iniciei minha carreira docente com dois filhos pequenos, sem licença maternidade, em uma cidade muito distante da minha de origem e de meus familiares. Se por um lado, a tarefa docente mostrou-se extremamente desafiadora entre outros motivos pela minha própria inexperiência, por outro, as dificuldades que encontrei mostraram-se importantes para meu aprendizado e enriqueceram minha trajetória. Costumo brincar com meus alunos que se existem “instinto materno” e “vocação para a docência”, eu não fui agraciada com nenhum desses “dons”, avaliando meu percurso como um longo, difícil e, ao mesmo tempo, gratificante aprendizado.





5 A CARREIRA ACADÊMICA PROPRIAMENTE DITA

5.1 O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA

*A bom, eu não te ensinei; mas bem te aprendi
a saber certa a vida...*
(ROSA, 1995, p. 384)

Não sem motivo abro esse tópico com uma citação de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*. A relação ensino-aprendizagem guarda mistérios por mim nunca resolvidos. O certo é que ainda hoje me deparo com o grande desafio que é conviver com discentes de ambos os níveis – graduação e pós-graduação. Interpelada que sou por eles/as, sigo, talvez, aprendendo mais do que ensinando algo. Penso que minha tarefa fundamental aqui seja incentivar a pensar, a refletir, a problematizar, a desconfiar das obviedades. Nesse processo, parece-me, também, de grande importância convidá-los para a extremamente prazerosa - ao menos para mim - aventura da leitura, do estudar, afinal, para que se possa elaborar uma reflexão crítica consistente, há que se ter bons argumentos. Além disso, parece-me imprescindível buscar prazer nas atividades que exercemos, fomentando bons encontros.

Minha trajetória é pautada por leituras interdisciplinares, sabendo que os temas-problemas aos quais tenho me dedicado (incluindo aqui aqueles focados pelas disciplinas que ministro) exigem uma ótica que não se restrinja a um campo/área do saber. Assim, convivo cotidianamente com obras e autores/as oriundos de áreas distintas como a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a História, o Direito, a Arte, a Literatura. Desta forma, convido meus/minhas alunos/as a me acompanharem nessa aventura/errância na qual pulsa em mim sem cessar o interesse por aquilo que é da ordem do que posso, ainda que precariamente, chamar de “humano”.

O início da carreira docente não deixa de ser curioso. Supõe-se que o/a recém-ingresso/a trabalhará com/na área para a qual prestou concurso. No entanto, pelo menos no meu caso, comecei lecionando disciplinas heterogêneas entre si. Do período do meu ingresso



ao início do meu doutorado (1982.1 a 1992.2), ministrei: Psicologia da Personalidade, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Escolar, Técnicas Psicodramáticas, Psicologia Diferencial, Técnicas Projetivas, Psicologia do Excepcional, Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica e Estágio Supervisionado em Psicologia Escolar.

De disciplinas que não me possibilitavam focar meu trabalho da maneira como gostaria e para as quais não tinha formação específica (a não ser a de Técnicas Projetivas), aos poucos fui me concentrando em alguns interesses que incluíram a participação em projetos de intervenção em escolas públicas do município e me levaram a ingressar na primeira turma do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 1984 (dois anos após minha efetivação).

Nesse período de dedicação ao Mestrado (sem dispensa, uma vez que se tratava da mesma instituição de ensino superior na qual eu estava lotada), exerci a subchefia do departamento, assim como realizei minha formação na abordagem do Psicodrama. Os quatro anos foram decisivos para meu enriquecimento teórico, possibilitando que me aprofundasse nos estudos da Teoria Marxista (sobretudo a obra de Karl Marx e de Antonio Gramsci) mas, ao mesmo tempo, tivesse a oportunidade de me iniciar na leitura de pensadores franceses como Félix Guattari, Gilles Deleuze e Michel Foucault, por alguns chamados de pós-estruturalistas. Ou seja, posso dizer que minhas incursões por diferentes campos teóricos e disciplinares mantiveram-se sempre presentes, impulsionada, que ainda sou, por uma enorme curiosidade intelectual.

Michel Foucault em especial constituiu um divisor de águas para mim e à sua obra tenho me dedicado com certa persistência e, ao mesmo tempo, intermitência nos últimos 30 anos. Pensamento difícil, desafiador, e, por que não dizer, por vezes irritante, senti-me (e ainda me sinto) por ele definitivamente interpelada. Essa incursão foi possível inicialmente com o auxílio de meu orientador de Mestrado Prof. Dr. Selvino José Assmann, grande amigo até hoje, com o qual aprendi muito sobre a honestidade e a humildade intelectual, a seriedade e a ética no trabalho, a possibilidade de estabelecer relações acadêmicas menos hierarquizadas e, por que não, usufruir do prazer no/pelo trabalho acadêmico. Foi com ele que pude ler de forma mais consistente parte da obra de Gramsci e, por incrível que possa parecer devido às diferenças teórico-epistemológicas, de Foucault.

Em um contexto de pós-graduação de natureza eminentemente marxista, elaborei uma dissertação inspirada em Michel Foucault e seu olhar sobre o exercício do poder disciplinar,



investigando uma turma de primeira série do ensino fundamental de uma escola pública de Florianópolis e sua “adaptação” à rotina escolar⁶. O pensamento de Foucault mostrou-se extremamente instigante para mim que, tateando seus textos, intuí a potência das relações entre saber, poder e subjetividade para o entendimento dos modos de subjetivação contemporâneos. Se naquele momento, dediquei-me a compreender as facetas do poder disciplinar e suas estratégias, considerando a produção de corpos úteis e dóceis, nos últimos anos venho buscando operar com estas e outras ferramentas conceituais que encontram em Foucault uma referência fundamental, como biopoder/biopolíticas, governamentalidade, ética-estética da existência, e, sobretudo, norma.

Durante o Mestrado, dediquei-me às disciplinas do curso de graduação em Psicologia, incluindo a de Técnicas Projetivas II, à supervisão de estágios curriculares e extracurriculares do mesmo curso, bem como, já mencionado, à formação paralela na abordagem psicodramática. Embora de tradição fenomenológico-existencial, o Psicodrama encantou-me por sua origem no teatro e por suas ricas possibilidades de trabalho com grupos. Essa formação até hoje me é útil nas atividades que desenvolvo nos três âmbitos (docência, pesquisa e extensão) e, também, nas minhas incursões pela administração universitária. Ou seja, essa certa “promiscuidade” teórica-epistemológica que marca minha trajetória, foi impulsionada por interesses diversos, assim como me possibilitou conhecer distintas perspectivas nessa área absolutamente heterogênea que é a da Psicologia, ampliando minhas referências e minhas “ferramentas” teórico-práticas.

Com a finalização do Mestrado e defesa realizada em agosto de 1988, tentei, com mais persistência, centrar minhas atividades no campo da Psicologia Escolar imprimindo à disciplina que ministrava uma ótica institucional ainda muito baseada na perspectiva marxista, inspirada, sobretudo, pela obra de Agnes Heller (1985) e sua analítica do cotidiano.

⁶ SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. *O PODER DISCIPLINAR NO COTIDIANO DA ESCOLA*. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. As reflexões oriundas da dissertação e dos trabalhos no âmbito escolar propiciaram a publicação de três artigos: 1) SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. Aproximando-me da escola: algumas considerações à luz das ideias de Michel Foucault. *Perspectiva* (UFSC), v. 15, p. 70-90, 1990. (Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/9119/8461>); 2) SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. Escola: território privilegiado para os exercícios de dominação. *Alcance* (UNIVALI), v.1, p. 39 - 47, 1997. 3) SIQUEIRA, M. J. T., FIALHO, G. L., MANOEL, A. S., BATTISTI, A. C. A violência simbólica na relação criança-criança: o papel do educador. *Texto & Contexto. Enfermagem*, Florianópolis, v.8, p.278 - 281, 1999. (Disponível em: <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=478841&indexSearch=ID>)



Permaneci, então, lecionando e supervisionando na área até minha saída, para doutoramento, que teve início em março de 1993.

Pela primeira vez tive a oportunidade de me afastar integralmente da UFSC para cursar o Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano na Universidade de São Paulo (USP). Na ocasião, orientada pela Profa. Dra. Sylvia Leser de Mello, além de continuar me dedicando às leituras de base marxista, como a obra de Lev. S. Vygotsky, pude iniciar, também, o estudo de algumas obras fundamentais de Hanna Arendt, assim como de etnografias francesas que marcaram bastante minha perspectiva de pesquisa. Ou seja, continuei minha errância por diferentes formas de pensar e investigar, buscando sustentação teórico-epistemológica, ao mesmo tempo em que mantinha meu foco nas populações e grupos subalternizados. No tópico dedicado às atividades de pesquisa, comentarei melhor meu trabalho de tese.

No retorno do meu Doutorado, em 1997, reassumi as disciplinas Psicologia Escolar II e Técnicas Psicodramáticas, e a orientação de estágios curriculares na área. Logo em seguida, fui credenciada pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia, ainda somente Mestrado na época.

Nos dois níveis, venho lecionando disciplinas obrigatórias e eletivas. Dentre elas, criei a disciplina “Gênero, corpo e sexualidades” na graduação, que, intercalada com “Psicologia e Estudos de Gênero”, constituem as únicas possibilidades de trabalhar de forma mais consistente essas temáticas nesse nível. Na pós-graduação, dou continuidade a “Psicologia e Estudos de Gênero” e ainda sou responsável pela disciplina obrigatória “Seminários e Prática de Pesquisa em Psicologia I”, oferecida anualmente. As temáticas de gênero e sexualidade problematizadas a partir das teorias feministas têm se mostrado de fundamental importância para que se possa avançar na compreensão de desafios sociais graves como as violências de gênero e sua intersecção com vetores de classe, raça/etnia, geração, religião, dentre outros. Discuti-las com discentes de ambos os níveis tem se mostrado gratificante e, por que não dizer, marcante para sua formação não apenas no âmbito profissional. No âmbito do PPGP, ainda, ajudei a consolidar a Área de Concentração 2 – Práticas culturais e processos de subjetivação, assim como sua Linha de Pesquisa 2 – Processos de subjetivação, gênero e diversidades.

Desde agosto de 2012, tenho sido a responsável pela disciplina obrigatória do curso de graduação em Psicologia, intitulada “Políticas Públicas, Direitos Humanos e Práticas



Psicossociais”. Pensada inicialmente para a ênfase “Processos Comunitários e Ações Coletivas” do novo currículo, teve seu caráter de obrigatoriedade estendido para todo o curso. Trata-se de oportunidade ímpar, no meu entender, para se problematizar as “novas” inserções da Psicologia brasileira no cenário das políticas públicas sob a ótica dos Direitos Humanos. Estruturei a disciplina, com o auxílio de colegas, seguindo uma lógica de historicização das noções de direitos humanos e políticas públicas, desde a constituição dos Estados nacionais modernos sob a inspiração da lógica liberal no cenário capitalista de industrialização e urbanização crescentes até os dias atuais. Tenho avaliado de forma positiva (inspirada também na avaliação dos/as estudantes) que se trata de uma importante disciplina de caráter histórico e introdutório ao permitir compreender a origem das políticas públicas e seus impactos, em especial em países de extrema desigualdade social e economia emergente como é o caso do Brasil.

A partir da Constituição de 1988, o governo brasileiro tem investido em políticas sociais com o intuito de minimizar os impactos perversos da desigualdade de distribuição/concentração de riquezas e a Psicologia tem sido chamada a colaborar. Mais evidentemente o Sistema Unificado de Assistência Social (SUAS) tem no profissional da área um de seus profissionais de referência obrigatória e, por outro lado, temos avaliado o despreparo dos cursos de graduação para instrumentalizar psicólogos/as que deem conta dessa tarefa. A disciplina constitui um esforço para enfrentar essa insuficiência que, aliado aos estágios curriculares na ênfase e à aproximação cada vez maior dos operadores das políticas no município, já tem engendrado efeitos positivos, a despeito de seu pouco tempo de efetivação.

Continuo, também, orientando na graduação (estágios, iniciação científica – IC/CNPq, PIBIC/UFSC/CNPq, bolsas de extensão), bem como na pós-graduação (Mestrado, Doutorado e pós-doutorado). Essas orientações constituem um trabalho de equipe do qual discentes de ambos os níveis participam, assim como bolsistas de modalidades diferentes (como pesquisa e extensão). Adotamos o procedimento de acolhermos os projetos individuais de mestrandos/as e doutorandos/as, com a contrapartida de colaboração nos projetos coletivos em andamento. Isso quer dizer que temos a equipe inserida nos trabalhos em colaboração com outros núcleos de pesquisa e com a ONG da qual somos parceiros/as, assim como o estágio de docência – pós-graduação – colabora com o ensino de graduação. Ou seja, após quase 33 anos de trabalho como docente efetiva do quadro permanente, tenho tido a oportunidade de realmente



articular de forma consistente meus trabalhos de docência e estes com meus projetos de pesquisa e de extensão como minha inserção no Núcleo *Margens* permitiu e descreverei mais adiante.

Penso ser importante destacar que as formações que oferecemos em nosso curso de graduação e em nosso Programa de Pós-graduação tem se mostrado bastante positivas quando temos a oportunidade de acompanhar nossos egressos. Nesse período orientei, como orientadora principal, 32 dissertações de Mestrado, seis teses de Doutorado, dois estágios de pós-doutorado, 36 trabalhos de Iniciação Científica e seis monografias de especialização. Em nosso curso de graduação não adotamos o TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Temos as supervisões de estágio e delas participei ativamente nas áreas de Psicologia Clínica e Psicologia Escolar e, mais recentemente, na ênfase D (Processos Comunitários e Ações Coletivas).

Participei, ainda, de 16 bancas de conclusão de Doutorado e 87 de Mestrado, além das qualificações para os dois níveis, bem como de avaliações do Programa PIBIC/CNPq/UFSC.

No que concerne às minhas atividades docentes, incluindo aqui as orientações, constato que muitos/as de meus/minhas ex-alunos/as e orientandos/as da graduação tem tido sucesso em concursos públicos para psicólogos/as do SUS e do SUAS, assim como são aprovados/as em programas de pós-graduação (na UFSC e em outras IES). Dentre os seis trabalhos de Doutorado que orientei, cinco deles têm como autores/as hoje docentes de universidades públicas (quatro do sistema federal: Lisandra Espíndula Moreira - UFAL, Marivete Gesser - UFSC, Juliana Perucchi – UFJF, Karla Galvão Adrião – UFPE, e, um de uma estadual, André Heloy Ávila - UEBA), assim como outra em uma instituição privada de ensino superior (Maristela Stelmachuk – UnC). Além disso, um dos pós-doutorados júnior (PDJ/CNPq) que supervisionei teve como resultado a aprovação em concurso público e nomeação de Adriano Beiras para o Departamento de Psicologia da UFSC. Considero que esse é um indicador importante não apenas da qualidade da formação em seu sentido estrito, mas, também, do fato de que o desejo pela carreira docente e pela imersão nas políticas sociais públicas parece ser fomentado nos trabalhos que coordeno, o que me alegra substancialmente.

Cada turma é diferente de outra, cada aluno/a e/ou orientando/a é distinto/a dos/as demais em suas trajetórias singulares, cada semestre letivo engendra novas possibilidades ainda que as disciplinas possam se manter as mesmas. Deixo-me por eles e elas afetar,



interpelar, sabendo que nunca saberei ao certo aonde chegaremos, a despeito das formalidades programáticas. Na repetição algo de novo/diferente sempre acontece. Mistérios da docência.





5.2 AS ATIVIDADES DE PESQUISA

Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(ROSA,1995, p. 46).

Considero que formalmente minhas atividades de pesquisa têm seu início no meu Mestrado, como já mencionei, embora tenham adquirido maior fôlego e consistência após meu doutoramento. Entre a finalização de meu Mestrado e o início do Doutorado (1988-1993), dediquei-me a um projeto de investigação que considero o embrião de minhas preocupações feministas, intitulado “*A submissão feminina: até que ponto as lutas emancipatórias da mulher têm alterado esta condição no que diz respeito às relações conjugais*”⁷ e contemplado com bolsa de Iniciação Científica do CNPq. Com outra colega de departamento, investiguei as relações conjugais de professoras da UFSC, considerando que exerciam atividades profissionais estáveis que lhes garantiam um salário razoável no que diz respeito à manutenção financeira e que exerciam uma profissão de nível superior. Além disso, por se tratar de uma carreira única cujo acesso se dá por meio de concurso público, pensava que se tratava de um local onde as desigualdades entre os sexos não seriam tão agudas. Como organizavam seu cotidiano? Qual a qualidade de suas relações com seus parceiros? Essas condições materiais e simbólicas de existência lhes garantiam uma autonomia afetivo-amorosa diferente de suas mães e gerações anteriores? Questões como estas me interpelavam e me levaram a estudar mais aquilo que, na época, chamávamos de “condição feminina”.

Até então, não tinha leituras suficientes das teorias feministas para conseguir operar conceitualmente de forma mais sólida. Ainda debruçava-me sobre as categorias “mulher” e “mulheres” de forma indiscriminada, guardando certo viés diferencialista e essencialista

⁷ Mais tarde publiquei um artigo em que retomo algumas dessas questões: SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. Conjugabilidade e identidade de gênero: um estudo sobre alguns aspectos contemporâneos das camadas médias brasileiras. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. XVI, p. 31-45, 1995. (Disponível em: <http://pesquisa.bvs.br/brasil/resource/pt/psi-19270>)



característico do chamado “feminismo de segunda onda” que, embora buscasse a igualdade de direitos para com os homens, baseava-se de forma universalizada na experiência das mulheres brancas, escolarizadas, de elite e heterossexuais. Importante dizer que, ao longo de minha trajetória, ficou cada vez mais evidente para mim que não escolhi aleatoriamente as problemáticas com as quais trabalhei e ainda trabalho. Elas sempre me afetaram e, ao mesmo tempo, foram e são oriundas de minha existência como pessoa no mundo.

Não posso negar, por exemplo, minha posição no sistema sexo-gênero, branca, com escolaridade superior, ex-mulher de um engenheiro, mãe de dois filhos (um homem e uma mulher), professora universitária, dispondo do auxílio de uma empregada doméstica para que eu pudesse dar prosseguimento à minha carreira profissional. Muito embora aparentemente tudo estivesse “bem”, um incômodo permanecia inquietando-me inclusive no âmbito da vida privada. A lida doméstica e os cuidados para com meus filhos foram especialmente destinados a mim, e meu ex-marido parecia ocupar a posição do “provedor” que pouco participava de outras atividades. Mais do que isso, percebia uma desigualdade simbólica entre nós que atribuía a ele o lugar de um suposto saber sobre tudo (incluindo como arrumar a geladeira e fazer as compras de supermercado), uma vez que eu era alvo de constantes críticas acerca de meu desempenho. Também não encontrava, em casa, apoio para minhas responsabilidades profissionais, o que faz com que eu possa dizer que foi com muita persistência que segui adiante. Ou seja, cabia a mim a “reprodução” e a ele, a “produção”, perpetuando dentro da minha casa a divisão sexual do trabalho na família burguesa.

Acreditava e ainda acredito que o trabalho na esfera pública possa ser um diferenciador importante para muitas mulheres com relação às posições de opressão a que são submetidas, embora não possa negligenciar as discriminações que ainda enfrentamos no trabalho inclusive no que diz respeito à desigualdade salarial. O emprego público foge a essa regra quanto à remuneração e carreira, mas não necessariamente quanto à ocupação de cargos de chefia e à territorialização no/do trabalho que ainda destina substancialmente às mulheres as atividades de cuidado. No entanto, também percebo que a questão do trabalho deva ser relativizada, uma vez que as mulheres de camadas pobres sempre trabalharam e essa atividade não lhes possibilitou transformar sua condição subalternizada, nem em relação à origem de classe, nem em relação ao gênero. Minha própria condição privilegiada deu-me condições de pagar outra mulher para que cuidasse da minha casa enquanto eu dedicava-me à minha



carreira, mantendo também essa tensão entre duas mulheres em situações absolutamente desiguais no mesmo espaço doméstico.

As feministas ao longo das décadas de meados do século XX trabalharam exaustivamente com os chamados “grupos de reflexão” que buscavam a conscientização das mulheres. Penso que sou um exemplo vivo das dificuldades que enfrentamos no sentido da desconstrução de modos de subjetivação decorrentes das diversas formas de opressão e relações de poder. Se nos subjetivamos discursivamente na cultura, nenhum/a de nós escapa das matrizes machistas/sexistas, classistas e racistas que ainda hoje parecem reger nossa vida societária no Brasil (para não estender genericamente a outros contextos, ainda que essas matrizes transversalizem fronteiras nacionais).

Foi o trabalho de uma estagiária em escola pública situada em um bairro de camadas populares que, enfim, forneceu a problemática que gerou minha proposta de doutoramento. Investigando os diferentes desempenhos de duas turmas de pré-escola, a estudante realizou visitas domiciliares às famílias das crianças. Nestas visitas, ela descobriu alguns homens desempregados, pouco escolarizados e pobres que, diferentemente de muitos outros, dedicavam-se à lida doméstica e aos cuidados dos filhos. Fui ao enalço deles, intrigada com essa aparente “inversão” da divisão sexual do trabalho na família, uma vez que as parceiras, mães de seus filhos, trabalhavam fora de suas casas, embora, em sua grande maioria, nas casas de outras pessoas e/ou exercendo atividades tradicionalmente delegadas às mulheres (empregadas domésticas, faxineiras em domicílios privados e/ou outras organizações como escolas, cozinheiras e assim por diante). Etnografei a vida de um mesmo grupo familiar durante dois anos e, para minhas análises, retomei algumas categorias marxistas fundamentais, orientada por teorias feministas que as utilizavam, como modo-de-produção, produção-reprodução, divisão social e sexual do trabalho. Penso que ainda mantinha analiticamente alguns binarismos como o da produção-reprodução, homem-mulher, masculino-feminino, público-privado que, posteriormente, pude discutir melhor.

Além das categorias sociológicas, no que diz respeito mais estritamente às teorias em Psicologia retomei a obra de Lev S. Vygotsky com o intuito de compreender como essas pessoas significavam o que estavam vivendo e o que possibilitava essa vivência em contextos ainda marcados por divisões tradicionais do trabalho na família⁸. A reflexão sobre a

⁸ SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. *A constituição do sujeito e a divisão sexual do trabalho na família: análise do caso de um homem dono-de-casa*. 1997. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano). Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. A tese deu



polissemia e a polifonia do conceito família mostrou-se importante para problematizar o modelo burguês, conjugal e nuclear, bem como seus valores, incluindo aqui a dupla moral sexual ainda marcante no contexto que investiguei (por exemplo, as mulheres devem permanecer fieis e aos homens é permitida a infidelidade). Adotei também no trabalho a categoria “identidade”, mais tarde por mim problematizada a partir das teorias pós-estruturalistas.

Meu doutorado foi realizado no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o que se mostrou fundamental para dar novo fôlego às minhas incursões teórico-metodológicas, bem como às minhas problematizações ético-políticas. Minha orientadora, Profa. Dra. Sylvia Leser de Mello, acompanhou-me com uma generosidade ímpar e com ela continuei meu aprendizado sobre as relações institucionais acadêmicas mais humanizadas, menos hierarquizadas, engajadas social e politicamente. Diretora do Instituto de Psicologia da USP naquela ocasião e assoberbada de trabalho, ainda encontrava tempo para me orientar com muita competência acadêmica mantendo sempre o tom afetivo. Sylvia, a despeito de ter se aposentado, continua trabalhando imersa em projetos sociais como os da Incubadora de Economia Solidária da USP, além de acompanhar com afinco as questões relacionadas aos direitos humanos. Por meio dela, tive contato com trabalhos etnográficos franceses que me ajudaram muito em meu aprendizado do pesquisar. Uma das disciplinas mais bonitas e ricas que cursei em todos os âmbitos de meus estudos foi realizada com ela. Com o nome estranho de Problemas Humanos no Trabalho, fizemos uma viagem que começou com Graciliano Ramos (*Vidas Secas*) e terminou com Albert Camus (*O mito de Sísifo*). Nos percalços do caminho, ainda visitamos Hanna Arendt e Karl Marx, dentre outros pensadores que até hoje se mantêm presentes em minhas reflexões. Com Sylvia aprendi, ainda, a importância da arte, em especial a literatura, como forma de conhecimento.

Concluído o Doutorado, de volta à UFSC inseri-me no Núcleo de Pesquisa *Margens*: modos de vida, família e relações de gênero⁹, criado no período de meu afastamento, no qual estabeleci colaboração com a Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago, amiga e parceira até hoje. Nessa ocasião também foi implantado o Curso de Mestrado em Psicologia na UFSC, no qual fui credenciada logo em seguida de meu retorno. Tive, finalmente, a oportunidade de me

origem ao artigo: SIQUEIRA, Maria Juracy TONELI. A Constituição da Identidade Masculina: alguns pontos para discussão. *Psicologia USP* (Impresso), São Paulo, v. 8, n.1, p. 113-130, 1997. (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65641997000100007&script=sci_arttext)

⁹ O Núcleo *Margens*: modos de vida, família e relações de gênero constitui Grupo de Pesquisa certificado pela UFSC e pelo CNPq. Tenho exercido sua liderança em conjunto com a Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago.



dedicar com mais persistência às teorias feministas e aos estudos de gênero, marcos que me acompanham até os dias de hoje, inserida no núcleo e em contato com acadêmicas feministas da UFSC, bem como de outras instituições brasileiras e estrangeiras. A primeira dissertação que orientei centrou-se nas homossexualidades, dando início a uma longa trajetória de interesse em pesquisa, intervenção, ensino e ativismo que ainda se mantem.

Nessa ocasião, participei pela primeira vez de um Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico em Psicologia, da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), realizado em Gramado, em 1998. Contribuí, na época, para a proposição de um novo Grupo de Trabalho (GT): Conhecimento, Subjetividade e Práticas Sociais e dele participei até 2010, quando novamente auxiliei a composição de outro GT: Psicologia, Política e Sexualidades, agora mais centrada nos meus interesses atuais. Também tive a oportunidade de participar da Diretoria da ANPEPP (gestão 2004-2006) e, na condição de Secretária-executiva, fui a coordenadora do XI Simpósio, realizado em 2006, em Florianópolis. São, portanto, nove participações nos simpósios, e, a partir de 2006, no Fórum de Discussão sobre Políticas Científicas, tema que há tempos desperta meu interesse. A criação dos fóruns coletivos de discussão no âmbito da ANPEPP mostra-se, no meu entender, uma iniciativa importante para fomentar a reflexão sobre temas fundamentais, assim como para fortalecer o papel da associação no cenário das políticas em ciência e tecnologia. A mudança no procedimento de inscrição dos grupos de trabalho, articulada na gestão da qual fiz parte, também me parece uma estratégia nessa direção, afinal, de inscrições de trabalhos individuais passou-se à inscrição da proposta coletiva do grupo.

Em 1999 fui contemplada com verba de pesquisa pelo concurso de projetos do “Programa de Treinamento em Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e Caribe - III”¹⁰, financiado pela Fundação MacArthur e administrado pela Fundação Carlos Chagas no Brasil. Em sua terceira versão, teve o foco centrado na temática das masculinidades e me possibilitou o contato com pesquisadores latino-americanos de destaque ainda hoje nesse cenário, como Mara Viveros Vigoya, Norma Füller, Jose Olavarria (meu tutor), Antonio Flávio Pierucci, Albertina Costa, Maria Filomena Gregori, Adriana Piscitelli, Sérgio Carrara, Fúlvia Rosemberg. Meu projeto intitulado “Paternidade Adolescente: seu lugar nos programas públicos na área de saúde reprodutiva da região da grande Florianópolis” incidia sobre a paternidade na adolescência, tema que me acompanhou durante alguns anos e

¹⁰ ANEXO 1



sobre o qual trabalhei com redes diversas (GEMA/UFPE, RedePso/UFES, Instituto PAPAÍ/Recife, colegas de departamento, orientandos/as de Mestrado e de Iniciação Científica), articulando-o, em seguida, com a relação entre homens e saúde, também com parcerias variadas. Alguns anos depois, a conclusão desses trabalhos originou duas coletâneas: “O pai está esperando: Políticas Públicas de saúde para a gravidez na adolescência”¹¹ e “Masculinidades e Práticas de Saúde”¹², ambas organizadas com verbas oriundas do CNPq e em colaboração com colegas de outras universidades e núcleos de pesquisa.

Em 2000, juntamente com a professora Luzinete Simões Minella, organizei o dossiê intitulado “Relações de Gênero e Saúde Reprodutiva” (Revista Estudos Feministas, n. 1, 2000)¹³, no qual incluímos artigos elaborados por pesquisadores homens, bem como textos que focam as questões afeitas às masculinidades nesse campo.

Após um projeto de pesquisa que investigou a saúde das professoras das séries iniciais (projeto esse que tinha inicialmente a intenção de levar para meu doutoramento)¹⁴, parti para uma sequência de outros centrados nas masculinidades (interesse despertado pelo Doutorado)¹⁵. Posteriormente, pude organizar as problemáticas trabalhadas nesse campo em

¹¹ TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MEDRADO, Benedito; TRINDADE, Zeidi; LYRA, Jorge. (Orgs.). *O pai está esperando? Políticas públicas de saúde para a gravidez na adolescência*. Florianópolis: Mulheres, 2011. 239p. (ANEXO 2)

¹² TONELI, Maria Juracy F; MÜLLER, Rita de C. Flores. Zona de Convergência entre Saúde Pública e Masculinidade em favor de uma política feminista de desidentificação dos (bio)homens como sujeito universal. In: TRINDADE, Zeidi; MENANDRO, Maria Cristina; NASCIMENTO, Célia R. R. (Orgs.). *Masculinidades e Práticas de Saúde*. Vitória: GM, 2011. p. 57-78. TONELI, Maria Juracy F; MÜLLER, Rita de C. Flores. A divisão sexual do cuidado com a saúde: homens, mulheres e a economia do gênero nos significados de saúde/doença em Florianópolis/SC. In: TRINDADE, Zeidi; MENANDRO, Maria Cristina; NASCIMENTO, Célia R. R. (Orgs.). *Masculinidades e Práticas de Saúde*. Vitória: GM, 2011. p. 79-98. (ANEXOS 3 e 4)

¹³ Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/ref/v08n01/v08n01a09.pdf>

¹⁴ “*Gênero-corpo-trabalho: um estudo sobre esta relação no universo das professoras das séries iniciais da rede pública de educação de Florianópolis*”, 1999-2001, com bolsas PQ e IC/CNPq. Gerou a publicação: TONELI, Maria Juracy F; FERREIRA, Edire dos Santos. *Saúde das professoras das séries iniciais: o que o gênero tem a ver com isso?*. *Psicologia: Ciência e Profissão* (Impresso), São Paulo, v. 23, n.3, p. 76-83, 2003. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n3/v23n3a11.pdf>)

¹⁵ De acordo com o meu CV Lattes: **2009 - 2011** *Atenção Integral aos Homens na Saúde* (coordenado por Jorge Lyra - do Instituto Papai e hoje da UFPE - em parceria com a UFPE e UFES, com financiamento do Fundo de Populações das Nações Unidas); **2008 - 2011** *A paternidade no contexto da gravidez na adolescência: a atenção ao pai na rede básica de saúde em três capitais brasileiras* (coordenado por mim, em parceria com a UFPE e a UFES, com financiamento do CNPq); **2007 - 2010** *Estreitando o diálogo entre América Latina e Portugal: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência contra mulheres* (coordenado por mim, com auxílio financeiro do CNPq, bolsa PQ, IC e PDE); **2006 - 2008** *Violência Sexual e Saúde Mental: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência sexual* (coordenado por mim, com auxílio financeiro do CNPq); **2006 - 2007** *Homens e Serviços de Saúde: rompendo barreiras individuais, culturais e institucionais*. Recife, São Paulo e Florianópolis (coordenado por mim, em parceria com a UFPE, a UFES, o Instituto Papai, com financiamento do Ministério da Saúde e do Fundo de Populações das Nações Unidas); **2005 - 2007** *PATERNIDADE(S) E MASCULINIDADE(S): práticas de cuidados e trocas afetivas em diferentes*



torno de três eixos temáticos fundamentais: saúde, violência e paternidade. Por mais de 10 anos, dediquei-me a buscar compreender melhor os processos de subjetivação por meio dos quais os homens são produzidos imersos no sistema sexo-gênero. Alguma forma de violência parece neles estar sempre presente, assim como a heterossexualidade tomada como norma e a desqualificação daquilo que pode ser considerado “feminino”. Ao longo desses trabalhos que incluem atividades de intervenção, produzimos conhecimentos sobre essas temáticas em contextos variados como os das populações jovens e adultas urbanas, pais adolescentes, usuários dos sistemas de saúde pública, homens com a guarda dos filhos, meninos abrigados, homens autores de violência sexual, imagens de masculinidades em revistas em quadrinhos, dentre outras (publicados em revistas científicas e livros). Obtive uma bolsa PQ/CNPq, a qual mantenho desde o início dos anos 2000 e tem me possibilitado dedicar-me, junto com minha equipe, de forma mais sistemática e consistente à pesquisa.

O “Seminário e Workshop Internacional Políticas de Atenção a Homens Autores de Violência contra a Mulher”¹⁶, organizado pelo *Margens* na UFSC, em 2008 e financiado pela FAPESC, possibilitou reunir coordenadores de programas que trabalham com essa problemática no contexto latino-americano. Em 2010, publicamos pelo NUPPE/CFH/UFSC, a coletânea “Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino americanas”¹⁷, que congrega as entrevistas com coordenadores desses serviços, realizadas no âmbito dos projetos financiados pelo CNPq. Importante sinalizar aqui que entre as conclusões das investigações que realizamos junto a programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres, identificamos que aqueles mais próximos ao campo feminista tem alcançado melhores resultados no que diz respeito à reflexão sobre o caráter

contextos sociais e geracionais (coordenado por mim, com apoio do Edital Universal de 2004 do CNPq); **2005 - 2007** Paternidade na adolescência: sentidos e práticas de cuidados dos filhos (coordenado por mim com bolsa PQ/CNPq); **2004 - 2005** *Exercício dos direitos sexuais e reprodutivos: caminhos para a construção de outros olhares sobre os adolescentes* (coordenado por Benedito Medrado, em parceria com o Instituto Papai, contemplado com bolsas PQ e IC do CNPq, e com verba do Ministério da Saúde); **2003 - 2005** *Paternidade e práticas de cuidados: diferentes olhares teórico-metodológicos em Psicologia* (coordenado por mim e financiado pelo CNPq); **2001 - 2004** *Sexualidade e paternidade na adolescência: concepções de adolescentes do sexo masculino - pais e não pais - no município de Florianópolis* (coordenado por mim, contemplado com bolsas PQ e IC/CNPq); **2001 - 2002** *Sexualidade e paternidade na adolescência: concepções de adolescentes do sexo masculino no município de Florianópolis* (coordenado por mim, contemplado com bolsas PIBIC); **1999 - 2000** *Paternidade Adolescente: seu lugar nos programas públicos na área de saúde reprodutiva da região da grande Florianópolis* (coordenado por mim, financiado por meio de concurso da Fundação MacArthur e da Fundação Carlos Chagas).

¹⁶ ANEXO 5.

¹⁷ TONELI, Maria Juracy F; LAGO, Mara Coelho de Souza; BEIRAS, Adriano; CLIMACO, Danilo A. (Orgs.). *Atendimento a homens autores de violência contra as mulheres: experiências latino americanas*. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE, 2010. 250p. (ANEXO 6)



histórico e culturalmente legitimado dessa violência, importante estratégia para que os homens possam reconhecer-se como autores e diminuir os episódios de violência. Em contraposição, aqueles que contam com a participação inclusive de profissionais da Psicologia sem embasamento nos estudos de gênero e teorias feministas, tendem a individualizar e a patologizar uma problemática que não é desta ordem, fornecendo atendimentos psicoterápicos individuais.

Lembro, ainda, minhas participações nos Seminários Internacionais Fazendo Gênero, realizados de forma bianual, na UFSC, sendo que coordenei, com a Profa. Dra. Carmen Rial, a coletânea resultante do encontro de 2000, centrado na temática “*Cultura, Política e Sexualidade no século XXI*”¹⁸. Coordenei, também, junto com a Profa. Dra. Cláudia de Lima Costa, a comissão organizadora de sua 6^a. versão, intitulada “*Fazeres globais, Saberes Locais/Fazeres Locais, Saberes Globais*”.

Esse conjunto de investigações e intervenções culminou com meu pós-doutoramento no NUH/UFMG¹⁹ e na Universidade de Braga/Portugal (2009/2010)²⁰, do qual se originou convênio em andamento que tem incluído a participação em eventos científicos, disciplinas e co-orientações. O projeto “*Estreitando o diálogo entre América Latina e Portugal: análise dos programas de atendimento a homens autores de violência contra mulheres*” (2007/2010) realizado também sob o auxílio de bolsa PQ e de bolsa PDE, possibilitou fechar um ciclo de investigações frutíferas que me desafiaram a buscar novos horizontes teórico-metodológicos, para além das marcações fundamentalmente marxistas que se fizeram presentes até então. A parceria com a Profa. Dra. Conceição Nogueira (Universidade do Minho/Universidade do Porto/Portugal) e com o Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG) permanece até hoje, estreitada por uma sólida amizade para além das tarefas acadêmicas, cada vez mais desumanizantes, sob uma lógica competitiva e produtivista. Com a Profa. Dra. Conceição Nogueira pude complementar minhas leituras das teorias feministas pós-estruturalistas e construcionistas sociais que vieram ao encontro das lacunas e insuficiências que identificava nas categorias e proposições das feministas marxistas. Com o Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado tive a oportunidade de aprofundar minhas leituras sobre os movimentos sociais e suas articulações com as políticas públicas sob a ótica dos direitos humanos. Esses

¹⁸ TONELI, Maria Juracy F.; RIAL, Carmen. (Orgs.). *Genealogias do Silêncio: feminismo e gênero*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004. 198p. (ANEXO 7)

¹⁹ ANEXO 8.

²⁰ ANEXO 9.



enriquecimentos reverberam hoje nas disciplinas que leciono, assim como nas analíticas que tento imprimir aos meus trabalhos de intervenção e investigação.

Organizei, antes e depois do pós-doutoramento, com minhas parceiras do Núcleo *Margens*, dois grandes encontros com nossos/as egressos/as que tiveram a oportunidade de socializar seus trabalhos de Mestrado e Doutorado. Como produto dessas jornadas foram publicadas duas coletâneas, ambas pela Casa do Psicólogo, “*Gênero e pesquisa em Psicologia Social*” em 2008²¹, e, “*Sexualidade, gênero, diversidades*”²², em 2013.

De volta do pós-doutorado, desloquei meus interesses para os processos de subjetivação no mundo contemporâneo que de alguma maneira problematizam a heteronormatividade²³, cada vez mais dedicada às teorias feministas de base pós-estruturalista com forte diálogo com Foucault. A parceria com a organização não-governamental ADEDH (Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade), consolidada ao longo dos últimos anos, tem se mostrado de fundamental importância para o desenvolvimento de trabalhos de investigação (pesquisas financiadas pelo CNPq, Ministério da Saúde e Secretaria de Direitos Humanos), capacitação (técnicos das Secretarias Municipal e Estadual – Florianópolis e Santa Catarina – nas áreas da Saúde, Educação, Assistência Social, Segurança Pública, Turismo, Cultura e Lazer) e ensino (disciplinas da graduação e da pós-graduação, bem como estágio curricular em Psicologia Social).

Cumprе ressaltar que a ADEDH tem sua origem na população de travestis e transexuais de Florianópolis. Por meio dos trabalhos que temos realizado, pude efetivar publicações em periódicos científicos e livros, orientar dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, consolidar parcerias com outros núcleos acadêmicos (NUH/UFGM, LABESHU/UFPE, PPS/UFJF) e, auxiliar, como já mencionei, na constituição do GT *Psicologia, Política e Sexualidades* no contexto da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Psicologia, do qual o Prof. Marco Aurélio Máximo Prado e eu somos, atualmente, os coordenadores.

²¹ LAGO, Mara Coelho de Souza; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BEIRAS, Adriano; VAVASSORI, Mariana B.; MÜLLER, Rita C. F. (Orgs.). *Gênero e pesquisa em Psicologia Social*. São Paulo/SP: Casa do Psicólogo, 2008. 271p. (ANEXO 10)

²² LAGO, Mara Coelho de Souza; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; SOUZA, Mériti de (Orgs.). *Sexualidade, gênero, diversidades*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2013. 279p. (ANEXO 11)

²³ Compreendida aqui como o modelo normativo que toma a heterossexualidade como “natural”, configurando expectativas, demandas, restrições e obrigações que regulam a vida societária e modos de subjetivação.



O caráter relacional do conceito gênero, somado ao seu franco binarismo, obriga-me a manter uma perspectiva que, mesmo ao pesquisar grupos de homens, orienta o meu olhar para a assimetria e o caráter de poder que as relações de gênero comportam. Nesse cenário complexo, senti-me inquieta com o que identifiquei como uma insuficiência das categorias marxistas para dar conta das modulações presentes nos processos de subjetivação que produzem sujeitos posicionados não apenas em conformidade com sua origem de classe. O sistema sexo/gênero, os marcadores de raça/etnia, gerações, território, dentre outros, mostram-se fundamentais para o entendimento das hierarquizações e discriminações por meio das quais os sujeitos são produzidos no mundo.

Ao mesmo tempo, os desafios das novas realidades sociais e tecnológicas me colocaram frente a problemáticas – ainda que não necessariamente novas, ao menos produzidas e visibilizadas de maneiras diferentes – que me incitaram à busca de formas outras de pesquisar distintas daquelas nossas “velhas” conhecidas. Trata-se de oportunidade rica no sentido da reflexão teórico-metodológica que potencializa o movimento da pesquisa. No meu caso, o conjunto de investigações empreendidas levou-me a algumas considerações fundamentais que se centram na discussão da heteronormatividade que regula os processos de subjetivação e conforma sujeitos normatizados (assim como os “desviantes”, sua outra face constitutiva). Nesses processos que incidem sobre a matéria e produzem corpos sexuados, a violência parece ser um efeito (e uma estratégia) sempre presente, adquirindo inclusive o formato daquilo que se convencionou chamar de homofobia²⁴. As relações entre gênero, sexo e corpo, no entanto, permanecem polêmicas (teórica e politicamente) e, nesse contexto, os corpos desviantes são alvo de discriminação encarnada em situações de injúria e humilhação cotidianas que, por vezes, culminam em atos radicais de crueldade. Que efeitos esses corpos produzem? Quais entrelaçamentos propiciam a aversão que geram? Como investigar essas produções? Como enfrentar a violência da (hetero)norma? Como subvertê-la?

Antes mesmo de formalizar meu interesse pelas chamadas sexualidades desviantes da (hetero)norma no que diz respeito a um projeto de pesquisa especialmente centrado nessa temática, publiquei alguns artigos que trazem o conceito de norma como um operador importante²⁵. Ressalto, também, dois textos que me parecem expressar melhor o que venho

²⁴ Compreendida aqui genericamente como a discriminação (em suas várias dimensões e formatos) contra pessoas com orientação sexual e/ou identidade de gênero distintas do modelo heteronormativo.

²⁵ BEIRAS, Adriano; LODETTI, Alex; CABRAL, Arthur Grimm; TONELI, Maria Juracy Filgueiras; RAIMUNDO, Pablo. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. *Psicologia & Sociedade*,



discutindo sobre a violência da norma, a (hetero)norma em especial e os processos de abjeção. Um deles foi publicado em parceria com a professora Simone Becker²⁶, oriunda da área do Direito, e penso ser um exemplo das articulações que venho tentando empreender entre o discurso jurídico e o discurso da Psicologia. Com a mesma colega, publiquei trabalho completo apresentado no *Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*²⁷, realizado na UFSC, em 2010.

Com o intuito de avançar no aprofundamento dessas questões, coordenei o projeto que incidiu sobre o corpo em sua intersecção com o sistema sexo/gênero. A pesquisa intitulada “*Gênero, sexo e corpo travesti: abjeções e devires*”²⁸, possibilitou conhecer mais de perto a realidade cotidiana das pessoas travestis, assim como suas trajetórias de vida, permitindo-nos, portanto, visualizar suas dificuldades no que diz respeito ao enfrentamento dos preconceitos. Essas dificuldades se tornam mais agudas quando do momento/percurso das transformações corporais mais radicais. Ou seja, esses corpos que parecem não se adequar à norma, inquietam, afetam os demais, suscitando, não raro, reações extremadas. Ainda assim, as travestis insistem em não abrirem mão de seu desejo e seguem buscando a produção de um corpo, na maioria das vezes idealizado a partir daquilo que o imaginário social atribui ao corpo feminino (novamente o binarismo aqui se faz presente).

Penso aqui o denominado corpo, portanto, no entrelace do material com o simbólico, bem como, do sexo com o gênero. Assim, por um lado, problematizo a disjunção operada pelo binarismo e pela hierarquia presente no sexo e gênero entendendo o contínuo

v. 19, n. 3, p. 62-67, 2007. (Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n3/a10v19n3>). TONELI, Maria Juracy Filgueiras. Homofobia em contextos jovens urbanos: contribuições para os estudos de gênero. *PSIC Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 7, n. 2, p. 31-38, 2006. (Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psic/v7n2/v7n2a05.pdf>).

²⁶ TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BECKER, Simone. Notas sobre o não reconhecimento e a inumanidade de travestis e negros no palco do judiciário. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. III, n.9, p. 1-9, 2011. (Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf8/ST5/006%20-%20Maria%20Juracy%20F.%20Toneli%20e%20Simone%20Becker.pdf>)

²⁷ TONELI, Maria Juracy Filgueiras; BECKER, Simone. A violência normativa e os processos de subjetivação: contribuições para o debate a partir de Judith Butler. In: FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2010. p. 1-8. (Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278169629_ARQUIVO_TrabalhocompletoMJFTeSBaVioIencianormativa.pdf)

²⁸ Coordenada pela professora Maria Juracy Filgueiras TONELI do Núcleo de Pesquisa *Margens*: Modos de vida, família e relações de gênero, do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, teve como parceiros os núcleos LabESHU (Laboratório de Sexualidade Humana) da UFPE e o Núcleo de Pesquisas e Práticas Sociais em Políticas Públicas e Saúde (P.P.S.) da UFJF, equipes que incluem ex-doutorandas do Núcleo *Margens*, hoje docentes pesquisadoras e orientadoras, Karla Galvão Adrião e Juliana Perucchi (respectivamente). Contemplada pelo Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES nº 02/2010 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas e com Bolsa PQ (2011/2015).



deslizamento e interface entre esse par. Por outro lado, entendo a materialidade posta no corpo como associada tanto à dimensão simbólica e discursiva quanto à biológica e concreta. Essas pontuações incidem na necessidade da utilização de recursos teóricos e estratégias de produção de conhecimento afeitas à concepção epistêmica e ontológica adotada. Desta forma, o recurso à imagem possibilitou o contraponto à linguagem calcada de forma acentuada no simbólico e no conceito, uma vez que é na própria auto(re)produção imagética dos corpos das travestis que a fluidez entre corpo biológico e corpo simbólico pode ser analisada.

Uma das preocupações que tem me mobilizado é a de compreender melhor os modos de assujeitamento nos contextos contemporâneos, nos quais imagens idealizadas do feminino e do masculino mostram-se hegemônicas, o que quer dizer que se trata de um modelo que se impõe sobre todas as demais formas de ser no mundo. Como modelo deve-se considerar sua incapacidade de corresponder diretamente ao que homens e mulheres vivenciam. No entanto, a posição de modelo hegemônico implica na constrição de outras possibilidades que, embora existentes, são desqualificadas, deslegitimizadas, menosprezadas, invisibilizadas e, por que não dizer, violentadas em suas expressões. Esse processo inclui as mulheres, mas não apenas. Chama atenção aqui qualquer forma de sexualidade e de corporalidade que não corresponda àquela heteronormativa, expressa pelo binômio masculino-feminino colado a corpos de homens e mulheres vistos em sua dimensão biológica (machos e fêmeas).

Uma das conclusões a que cheguei a partir das pesquisas aqui brevemente descritas foi a de que por detrás da discriminação e do preconceito, mais do que a homofobia tal como a conhecemos hoje, encontra-se exatamente a heteronorma. É a força e o imperativo da normatividade heterossexual que parece estar na base de várias modalidades de violência, inclusive a doméstica contra as mulheres. A despeito dos sistemáticos posicionamentos do Conselho Federal de Psicologia no Brasil²⁹ e de outras organizações científicas estrangeiras (que incluem as Associações Americanas de Psiquiatria e de Psicologia), os preconceitos e patologizações dos “desvios” da heteronorma são lugar comum. As sexualidades desviantes/divergentes mantêm-se, no entanto, como uma realidade desafiadora do clichê “a biologia é o destino”.

Na continuidade desse percurso, outra pesquisa em andamento com apoio do CNPq, intitulada “*Direitos e violências na experiência de travestis e transexuais em Santa Catarina:*

²⁹ Ver o documento do CFP, em resposta ao Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro, reafirmando a resolução 01/1999.



construção de perfil psicossocial e mapeamento de vulnerabilidades”³⁰, tem possibilitado caracterizar essa população do ponto de vista sócio-demográfico, bem como identificar suas vulnerabilidades e formas de acesso (ou não) às políticas públicas, no estado de Santa Catarina. Para tanto, contamos com procedimentos diversificados (assim como na pesquisa anterior) que incluem questionário especialmente elaborado para essa população, entrevistas em profundidade e grupos focais com travestis e transexuais, bem como entrevistas com gestores e análise de documentos. Os resultados parciais permitem identificar as diversas formas de violência (e sua naturalização) que incidem sobre essa população e suas dificuldades de acesso às políticas públicas. Temos discutido esse material com gestores e operadores de políticas públicas no município e no estado de Santa Catarina com o intuito de sensibilizá-los e capacitá-los para o acolhimento dessas demandas.

É importante salientar, também, que no âmbito do *Margens* foram produzidas recentemente três dissertações de Mestrado que focam a população LGBT, assim como estão em andamento dois mestrados e três doutoramentos centrados nessas temáticas³¹, orientados por mim e pela Profa. Dra. Mara Coelho de Souza Lago.

No Encontro Nacional da ABRAPSO, em 2014, dois trabalhos de alunas por mim orientadas foram premiados. O primeiro, oriundo de tese de Doutorado, de autoria de Lisandra Espíndula Moreira, foi publicado (como prêmio) na *Revista Psicologia & Sociedade*³². O segundo, pôster de autoria de Mariana Queiroz³³, tem sua origem na pesquisa em andamento já mencionada e voltada para a população de pessoas Ts em Santa Catarina. Resultado de bolsa PIBIC, o trabalho mostra a importância deste incentivo à iniciação à pesquisa no âmbito da graduação.

³⁰ Chamada Pública MCT/CNPq - N ° 14/2012 - Universal / Universal 14/2012 - Faixa B - de R\$ 30.000,01 a R\$ 60.000,00. Projeto desenvolvido em parceria com o NUH/Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, coordenado pelo Prof. Dr. Marco Aurélio Máximo Prado.

³¹ AMARAL, Marília dos Santos. *Essa Boneca Tem Manual: Práticas de si, discursos e legitimidades na experiência de travestis iniciantes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012; DÍAZ, Gabriela. *Sexualidades. Concepções de psicólogos/as de Unidades Básicas de Saúde de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.; KERRY, Daniel. *Modos de vida e processos de subjetivação na experiência de envelhecimento entre homens homossexuais na cidade de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012. Atualmente no Mestrado, Alexandre Amorim trabalha com os processos de subjetivação de Homens Trans e Mônica Angonese trabalha com a maternidade no universo das Mulheres Trans. No Doutorado, Marília Amaral segue pesquisando “maridos” de travestis, Gabriela Díaz pesquisa a trajetória do movimento social das/os travestis, transexuais e transgêneros, e, Daniel Kerry investiga a prostituição masculina.

³² ANEXO 12 (premiação). Artigo disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822014000500005&script=sci_arttext

³³ ANEXO 13.



Quando analiso minha página na Plataforma Carlos Chagas do CNPq, constato que, desde 2003, tenho solicitações diversas aprovadas (Edital Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas, Edital Universal, Auxílio para participação em evento no exterior, Produtividade em Pesquisa, Iniciação Científica e Apoio Técnico, Pós-doutorado Júnior). Também tenho acesso aos inúmeros pareceres (cerca de 800) que elaborei para a mesma agência, assim como a aprovação dos relatórios que a ela submeti. Esse auxílio do CNPq ao longo desses anos tem sido fundamental para que eu possa continuar pesquisando e orientando.

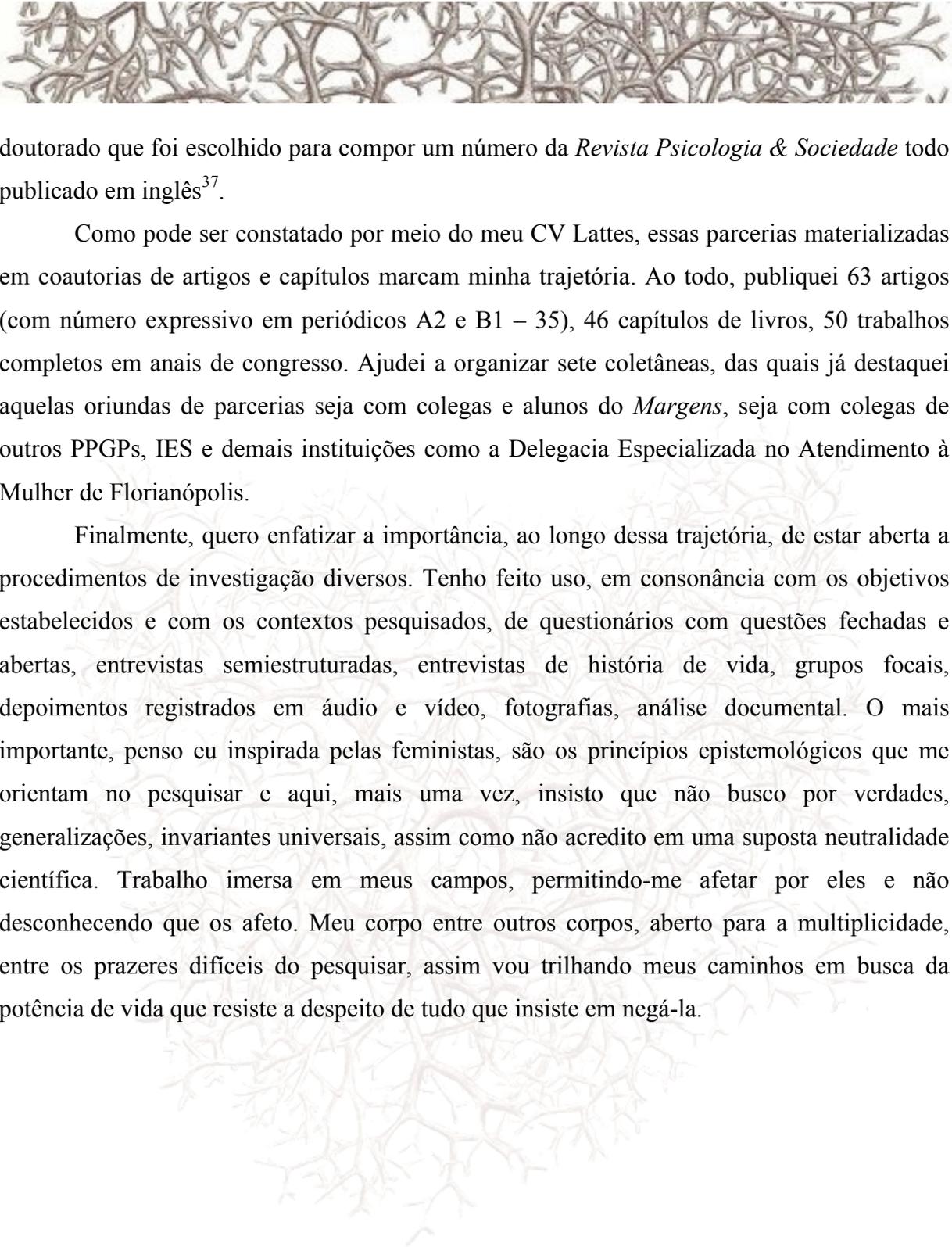
As parcerias mostram-se profícuas também no que diz respeito a publicações internacionais, embora mais recentes e ainda incipientes. Registro aqui dentre tantos outros possíveis, em especial dois capítulos de livro. O primeiro foi publicado em coautoria com dois ex-orientandos e consta de coletânea organizada pela Profa. Sofia Neves, publicada em Portugal³⁴. O segundo foi elaborado com três colegas parceiros e foi publicado em coletânea organizada por Alexandra Rutherford, Rose Capdevilla, Vindhya Undurti e Ingrid Palmary, publicada nos Estados Unidos da América³⁵.

Importante também mencionar dois artigos publicados no *Annual Review of Critical Psychology*³⁶, ambos em coautoria com colegas. O primeiro com colegas do GT Psicologia, Política e Sexualidades da ANPEPP e, o segundo com colegas do PPGP/UFSC, uma delas minhas ex-orientanda de doutorado. Embora o periódico seja avaliado como B4 pelo Qualis/CAPES, destaco sua respeitabilidade no campo das análises críticas em Psicologia. Ainda quanto aos artigos publicados, menciono mais um em coautoria com ex-orientandas de

³⁴ TONELI, Maria Juracy F.; CLÍMACO, Danilo de A.; ADRIÃO, Karla G. Sobre homens e masculinidades: revisitando o campo sob a ótica feminista. Em: NEVES, Sofia. (ed.). *Gênero e Ciências Sociais*. Maia/PT: Edições ISMAI, 2011, p. 129-139. (ANEXO 14)

³⁵ NUERNBERG, Adriano H.; TONELI, Maria Juracy F; MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Feminism, Psychology, and Gender Studies: The Brazilian Case. In: RUTHERFORD, Alexandra; CAPDEVILA, Rose; UNDURTI, Vindhya; PALMARY, Ingrid. (Eds.). *Handbook of International Feminisms*. New York: Springer, 2011, p. 109-127. [Winner of the 2012 Distinguished Publication Award, Association for Women in Psychology] (ANEXO 15)

³⁶ TONELLI, Maria Juracy Filgueiras; MAHEIRIE, Kátia; PERUCCHI, Juliana; MAYORGA, Cláudia; Mountian, Ilana; PRADO, Marco Aurélio M. Critical Social Psychology in Brazil: politics, gender, and subjects of dissidence. *Annual Review of Critical Psychology* (Online), v. 10, p. 163-183, 2013. Disponível em: <http://www.discourseunit.com/arcp10/Brazil%20III%20163-183.pdf>; e, GESSER, Marivete; NUERNBERG, Adriano H.; TONELI, Maria Juracy F. Gender, Sexuality, and Experience of Disability in Women in Southern Brazil. *Annual Review of Critical Psychology* (Online), v. 11, p. 417-432, 2014. Disponível em: <http://www.discourseunit.com/arcp11/23-gender.pdf>



doutorado que foi escolhido para compor um número da *Revista Psicologia & Sociedade* todo publicado em inglês³⁷.

Como pode ser constatado por meio do meu CV Lattes, essas parcerias materializadas em coautorias de artigos e capítulos marcam minha trajetória. Ao todo, publiquei 63 artigos (com número expressivo em periódicos A2 e B1 – 35), 46 capítulos de livros, 50 trabalhos completos em anais de congresso. Ajudei a organizar sete coletâneas, das quais já destaquei aquelas oriundas de parcerias seja com colegas e alunos do *Margens*, seja com colegas de outros PPGPs, IES e demais instituições como a Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher de Florianópolis.

Finalmente, quero enfatizar a importância, ao longo dessa trajetória, de estar aberta a procedimentos de investigação diversos. Tenho feito uso, em consonância com os objetivos estabelecidos e com os contextos pesquisados, de questionários com questões fechadas e abertas, entrevistas semiestruturadas, entrevistas de história de vida, grupos focais, depoimentos registrados em áudio e vídeo, fotografias, análise documental. O mais importante, penso eu inspirada pelas feministas, são os princípios epistemológicos que me orientam no pesquisar e aqui, mais uma vez, insisto que não busco por verdades, generalizações, invariantes universais, assim como não acredito em uma suposta neutralidade científica. Trabalho imersa em meus campos, permitindo-me afetar por eles e não desconhecendo que os afeto. Meu corpo entre outros corpos, aberto para a multiplicidade, entre os prazeres difíceis do pesquisar, assim vou trilhando meus caminhos em busca da potência de vida que resiste a despeito de tudo que insiste em negá-la.

³⁷ PERUCCHI, Juliana; TONELI, Maria Juracy F; ADRIÃO, Karla G. Gender and feminisms: theoretical-epistemological considerations and methodological impacts. *Psicologia & Sociedade* (Online), v. 25, n. esp., p. 13-22, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822013000500003&script=sci_arttext



5.3 AS ATIVIDADES DE EXTENSÃO

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

(ROSA, 1995, p. 204)

Penso que preciso novamente aqui ressaltar que ao longo de todos esses anos, busquei articular minhas atividades de ensino com as de extensão e pesquisa, coordenando projetos e orientando bolsistas nos dois campos. Essa trajetória, no que diz respeito à extensão, começou com um projeto desenvolvido em escolas públicas no sul da Ilha de Santa Catarina (Armação e Pântano do Sul), em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura de Florianópolis, logo depois de minha efetivação. Além disso, também supervisionava estagiários no Serviço de Atendimento Psicológico do curso de Psicologia.

Meus projetos de extensão durante muito tempo centraram-se em atividades desenvolvidas em escolas públicas, envolvendo professores e alunos/as, o que me proporcionou a experiência e o contexto adequado para que eu comesse a elaborar questões para o meu mestrado e para meu doutoramento. Esse campo também incluiu o Colégio de Aplicação da UFSC. Nesse percurso a parceria com a Profa. Dra. Carmen Silvia de Arruda Andaló, com a qual guardo, desde então, uma relação sólida de amizade, mostrou-se fundamental.

Esses trabalhos em escolas públicas, paralelos e/ou articulados à pesquisa e à docência, possibilitaram a inserção no universo das populações de baixa-renda e em territórios considerados “femininos”. Trabalhei com temas e modalidades diversas como rodas de conversa e oficinas focadas no cotidiano da vida escolar³⁸, embasando-me,

³⁸ Dentre os projetos de extensão desenvolvidos, destaco: “Pintando o 7: uma experiência com oficina de expressão em Escola pública”, “Educação Sexual Continuada em Escola Pública”, “Juventude e Cidadania: articulando educação e saúde em um bairro de Florianópolis, trabalhando com educação sexual, ética e cidadania”, “Promovendo a vida: saúde sexual e reprodutiva de estudantes oriundos de comunidades de baixa-renda em Florianópolis” (No. 2005.0156/SIRAEEx/UFSC).



inicialmente, em especial nas categorias de Agnes Heller (1985), ex-discípula de Györky Lucáks, que me ajudava a pensar os processos de alienação no âmbito da vida cotidiana em vários contextos.

Embora, tenha me dedicado à leitura de Foucault durante meu Mestrado (e posteriormente ao meu Doutorado), penso que estava suficientemente impregnada pelas categorias marxistas que me ajudavam a trabalhar com grupos subalternizados. Não utilizo aqui a noção de subalternidade aleatoriamente. Trago-a de Antonio Gramsci (1978) como uma ferramenta conceitual ainda importante, assim como os conceitos de hegemonia, ideologia e senso comum. Esse pensador, no meu entender, conseguiu ampliar a concepção marxiana clássica, guardando uma atualidade considerável. Destaco, também, o auxílio de feministas como Gayatri Spivak (2010) que, ao se voltarem para as teorias pós-coloniais, lançam mão desses operadores conceituais para tecerem suas críticas ao feminismo etnocêntrico europeu e estadunidense.

Segui com os projetos de extensão, sempre voltados para problemáticas associadas à realidade social e, em geral, marcadas pelas questões de gênero e sexualidade. Partindo de atividades mais genéricas que buscavam apoiar educadores e estudantes dos níveis fundamental e médio, aos poucos fui centrando o foco nas sexualidades de jovens do município de Florianópolis (1999-2005). As concepções de saúde e de direitos sexuais e reprodutivos alicerçaram oficinas desenvolvidas em escolas públicas, inspiradas nas grandes conferências internacionais promovidas pela ONU, na década de 1990, em especial aquelas que tematizaram pela primeira vez o direito dos jovens ao exercício da sexualidade de forma segura e apoiada - *Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento*, realizada no Cairo, em 1994, e, *Conferência Mundial sobre a Mulher*, realizada em Beijin, em 1995. Foi a partir desses trabalhos que fui convidada como observadora brasileira na reunião técnica preparatória da 48^a. *Sessão da CSW/ONU*, realizada em Brasília de 21 a 24 de outubro de 2003, a qual teve como tema central “O papel dos homens e meninos para alcançar a igualdade de gênero”³⁹.

Em seguida, desenvolvi uma parceria com a Delegacia de Proteção à Mulher, Infância e Juventude (6^a. DP) de Florianópolis, no período de 2006 a 2009. Ali supervisionei, dentre

³⁹ ANEXO 16.



outras atividades, o primeiro grupo de atenção a homens autores de violência do município⁴⁰ (No. 2007.0840/SIRAEx/UFSC). Em conjunto com outros profissionais da 6^a. DP, organizei a coletânea “Os 25 anos da ‘Delegacia da Mulher’ de Florianópolis: impasses e perspectivas para a ‘base da pantera’”⁴¹. Publicada pelo NUPPE/CFH/UFSC, reúne trabalhos realizados na e/ou sobre a delegacia, a segunda implantada no Brasil nessa especialidade.

Nessa época tomei contato com a Campanha Internacional do Laço Branco, da qual o *Margens* é um dos apoiadores brasileiros. Criada por homens canadenses, indignados com o trágico episódio de 6 de dezembro de 1989, no qual um homem armado matou 14 mulheres em uma escola politécnica em Montreal, a campanha tem como intuito o enfrentamento da violência contra as mulheres, convidando os homens a se engajarem. A ONU estabeleceu o dia 25 de novembro como o Dia Internacional da Erradicação da Violência contra as Mulheres e, a partir desse dia até 6 de dezembro, várias atividades em prol dos direitos das mulheres e do fim da violência são realizadas em muitos países. O *Margens* participa ativamente da programação, sendo uma das nossas prioridades exatamente o campus universitário que, embora pareça ser um território isento de violências, mantém-se atravessado por vetores sexistas, racistas e classistas.

Outra frente de intervenção foi a colaboração com o projeto “*Violência sexual infanto-juvenil: Atenção a vitimizadores sexuais jovens, suas vítimas e acompanhantes no município de Florianópolis*” (No. 2006.0776/SIRAEx/UFSC), em 2006, coordenado pela enfermeira Carmen Lúcia Luiz, da Secretaria de Saúde de Florianópolis. Associada ao projeto, orientei bolsistas e estagiários, além de uma dissertação de Mestrado.

Mantive meus trabalhos focados nas masculinidades até minha saída para o pós-doutorado. No meu retorno, desloquei minha atenção para as chamadas “sexualidades desviantes da heteronorma” e busquei outras parcerias. Não abandonei minha luta contra os machismos fortemente arraigados em nossa vida societária, pois eles sobrevivem a partir da matriz de gênero binária que configura vidas inteligíveis e legitimadas, assim como outras que são consideradas ininteligíveis e desprezadas. Assim, ao buscar trabalhar de forma mais próxima com as normativas que regulam a sexualidade, continuei a problematizar o sistema

⁴⁰ Projetos: “Capacitação de profissionais da 6^a DP de Florianópolis e implantação de grupos de homens autores de violência contra a mulher” (ANEXOS 17 e 18) e “Assessoria a profissionais e usuários da Delegacia da Mulher de Florianópolis”.

⁴¹ CORDOVA, Luiz Fernando N.; TONELI, Maria Juracy F.; TEIXEIRA, Marilandi R.; RAGAZZI, Caio. (Orgs.). *Os 25 anos da delegacia da mulher de Florianópolis: impasses e perspectivas para a 'base da pantera'*. Florianópolis: UFSC/CFH/NUPPE, 2010. 336p. (ANEXO 19)



sexo-gênero, agora mais centrada no que Butler (2003; 2008) denomina “abjeção” e “corpos abjetos”.

A articulação com a ADEDH, já mencionada no item relativo às atividades de pesquisa, possibilitou o projeto continuado de extensão intitulado “*Gênero, sexo e corpo: apoio psicológico a travestis em Florianópolis e formação de multiplicadores*” (Nos. 2010.3947 e 2012.5545/SIRAEx/UFSC), a partir de 2010 e renomeado em 2014 para “*Ações no âmbito da saúde da população travesti, transexual e transgênero no município de Florianópolis*” (no. 2014.0717/SIRAEx/UFSC). Nesta parceria incluem-se atividades diversificadas, todas por mim orientadas. Dentre elas destaco: 1) Segundas Trans-tornadas – grupo aberto com reunião semanal nas noites de segunda-feira, na sede da ONG, com a finalidade de debater temas relacionados à população LGBT; 2) Cine D – exposição de filmes seguidos de debates com temáticas pertinentes à população LGBT; 3) Estágio supervisionado na ênfase “Processos Comunitários e Ações Coletivas” que inclui acompanhamento das atividades da ADEDH, dentre elas aquelas de abordagem de rua com os objetivos de desenvolver ações de prevenção às DST/AIDS/Hepatites Virais, bem como divulgar os trabalhos realizados pela ONG, além de conhecer a realidade social dessas pessoas; 4) Atendimento psicológico individual na sede da ONG, destinado à população LGBT; 5) Cursos de curta duração, entre o segundo semestre de 2013 e o primeiro de 2014, destinados a capacitar técnicos que atuam em políticas públicas que atendem a população LGBT, nas áreas da Saúde, Educação, Segurança Pública, Assistência Social e Turismo, Cultura e Esporte (Nos. 2013.6486, 2013.6487, 2014.4019, 2014.0519, 2014.0520/SIRAEx/UFSC).

Inclusas em projeto que contempla também investigação sobre as vulnerabilidades e as violências às quais esta população está exposta, essas capacitações têm se mostrado uma rica oportunidade para o debate e a formação em direitos humanos e políticas públicas. Foram ministradas sempre em parceria tendo como dupla responsável uma pessoa da AEDH e uma do Núcleo *Margens*. As atividades previram ainda um seminário de encerramento com gestores públicos, realizado em 23 de maio de 2014, para a apresentação e avaliação dos trabalhos. É importante mencionar que as capacitações foram muito bem avaliadas e a ONG tem sido convidada a replicá-las em Florianópolis e outros municípios do estado de Santa Catarina. Em parceria também realizamos o “*I Seminário de Cidadania e Direitos Trans em Santa Catarina*”, em maio de 2012 (No. 2014.2251/SIRAEx/UFSC).



Tenho me dedicado, portanto, a trabalhos de extensão continuada, oferecendo atividades gratuitas em parceria com outras instituições, além de minicursos, organização de eventos, capacitações e outras possibilidades mais pontuais. Esse caráter de continuidade mostra-se importante para que, de fato, consiga consolidar as parcerias de forma a socializar o que é produzido no âmbito acadêmico mas, sobretudo, para que possamos agenciar coletivamente a produção de novos conhecimentos e possibilidades de intervenção. A aproximação com o setor das organizações não governamentais, bem como com setores das políticas públicas, tem sido promissora no que diz respeito à extensão e à garantia de direitos para as populações com as quais venho trabalhando. Há sempre presente, portanto, uma intencionalidade ético-política. Multiplicar possibilidades.





5.4 OUTRAS ATIVIDADES IMPORTANTES

*Que as pessoas não estão sempre iguais,
ainda não foram terminadas – mas que elas
vão sempre mudando. Afinam ou desafinam.
Verdade maior.*

(ROSA,1995, p.20).

Ao longo do período entre o término do meu doutoramento e a saída para os estágios pós-doutorais, além da docência, da pesquisa e da extensão, dediquei-me a outro conjunto de atividades que, extremamente desafiadoras, proporcionaram uma experiência muito rica em aprendizagens de diversos tipos.

Embora tenha sido subchefe⁴² do Departamento de Psicologia na década de 1980, considero que, de fato, minha inserção nessa seara tenha se dado no período de 2000 a 2004, quando exerci o cargo de coordenadora⁴³ do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFSC. Desenvolvemos coletivamente uma série de atividades que, na gestão seguinte, possibilitaram a subida de sua nota para “5” (avaliação trienal da CAPES). Fui membro da Câmara de Pós-graduação⁴⁴ da UFSC e da Comissão de Planejamento e Gerência do PROF/CAPES⁴⁵ (programa experimental da CAPES do qual a UFSC participava). Fui também representante do PPGP/UFSC junto à ANPEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia), sendo posteriormente membro de sua Diretoria⁴⁶ (gestão 2004-2006).

Pela ANPEPP, participei da comissão de avaliação de periódicos da área da Psicologia/QUALIS/CAPES (2004-2005)⁴⁷, assim como coordenei o “XI Simpósio de

⁴² ANEXO 20.

⁴³ ANEXOS 21 e 22.

⁴⁴ ANEXO 23.

⁴⁵ ANEXO 24.

⁴⁶ ANEXO 25.

⁴⁷ ANEXO 26.



*Pesquisa e Intercambio Científico da ANPEPP*⁴⁸, realizado em 2006, em Florianópolis. Participei também da avaliação de programas de pós-graduação da CAPES (trienal 2005-2007)⁴⁹. Essas experiências geraram um aprendizado muito rico no que diz respeito ao sistema de pós-graduação, sua gestão, funcionamento, critérios de avaliação, produção, internacionalização, enfim, as políticas científicas e acadêmicas neste âmbito no Brasil.

Antes do pós-doutoramento também tive a oportunidade de experimentar mais um nível da gestão acadêmica quando fui eleita para a Direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH)⁵⁰, de 2005 a 2008. Nesse período, fui membro do Conselho Universitário – Cun/UFSC. A complexidade dessas tarefas foi inicialmente assustadora. O CFH contava, então, com cinco cursos de graduação e sete programas de pós-graduação, somando em torno de 3000 alunos, 150 docentes e 80 técnicos. Era uma época de debates importantes do ponto de vista das políticas acadêmicas como o Edital do REUNI do governo federal e o início dos Editais do PROINFRA/FINEP/MEC/CT. Simultaneamente, vivíamos longas greves das três categorias (docente, discente, técnicos) e necessidades prementes relacionadas à infraestrutura e recursos insuficientes - desde a manutenção da válvula do vaso sanitário até os equipamentos mais sofisticados, a reposição e ampliação dos quadros docente e técnico, a insuficiência das políticas estudantis, e assim por diante. Penso que a gestão universitária/acadêmica, assim como os demais cargos no sistema público de ensino superior, poderia ser experimentada pelos colegas docentes não apenas pelo aprendizado inerente às funções, mas, sobretudo, pelo desafio que significa estar nessas posições. Em todas as vezes nas quais aceitei me candidatar e fui eleita, busquei orientar-me por um espírito coletivo e uma postura ético-política norteados pela concepção de universidade pública, gratuita e de qualidade. Esta postura e a escolha pela coletividade também orientaram sempre minha participação no movimento docente, certamente não sem inquietações, dúvidas, contradições e embates constantes.

Ainda sobre minha participação em agências de fomento, fui eleita para compor o Comitê de Assessoramento de Psicologia no CNPq para o período de setembro de 2011 a agosto de 2014⁵¹, sendo que em agosto de 2013 assumi sua coordenação. Novamente a experiência mostrou-se um desafio enriquecedor. O convívio intensivo com colegas de IES,

⁴⁸ ANEXO 27.

⁴⁹ ANEXOS 28, 29 e 30.

⁵⁰ ANEXO 31.

⁵¹ ANEXO 32.



tradições e áreas heterogêneas foi extremamente prazeroso e com eles/as aprendi muito. A partir de nossas reflexões coletivas conseguimos tomar decisões de forma a maximizar os recursos, a aumentar a base do sistema de bolsas PQ na nossa área (PQ2), a acolher boas propostas sem restrições/crivo de perspectivas teórico-metodológicas, a aprimorar os critérios de concessão de recursos e bolsas, a garantir consistência aos nossos relatórios nos quais sempre nos preocupamos em incluir recomendações importantes para o próprio CNPq, assim como para nossos pares.

Todas essas experiências possibilitaram uma visão mais ampliada do sistema de pós-graduação e das atividades de pesquisa na área da Psicologia, para além daquilo que posso apreender em meu cotidiano de trabalho na UFSC. Considero um privilégio ter essa oportunidade.

Além dessas atividades, tenho exercido outras inerentes à carreira acadêmica como ser membro de Conselho Editorial de periódico indexado. Fui membro do Conselho da Editora da UFSC⁵², coeditora da Revista Psicologia & Sociedade (A2)⁵³, assim como participei da equipe editorial da Revista Estudos Feministas (B1). Com frequência regular emito pareceres para periódicos e agências de fomento, além de participar de eventos científicos a convite ou para apresentar trabalhos e resultados de pesquisas, bem como ministrar cursos de curta duração.

A oportunidade de viver essas experiências tão heterogêneas, sendo que, muitas delas, eleitas por pares que em mim depositaram sua confiança, mostrou-se ímpar. Não são todos/as docentes que a têm e, como afirmei, sinto-me privilegiada por isso. Em um cenário no qual o chamado “produtivismo acadêmico” marca nossas vidas, gerando sentimentos de frustração e impotência além do cansaço acumulado, qualquer atividade a mais parece agudizar o mal-estar. A despeito do fato de também compartilhar desses sentimentos e, com frequência ter a sensação de que me tornei uma “tarefeira” em uma gincana interminável, penso que algo de minha inquietude resiste a se deixar capturar. Nesse emaranhado rizomático, acho eu, tentei criar linhas de fuga e me singularizar. Por meio de minhas escolhas e experiências (sempre limitadas, obviamente), vou me objetivando e me subjetivando em um percurso sem fim. Escolhi, dentre tantas outras coisas, habitar a instabilidade.

⁵² ANEXO 33.

⁵³ ANEXO 34.



6 ALGUMAS ÚLTIMAS PALAVRAS

Ah, mas falo falso. O senhor sente? Desmente? Eu desminto. Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas – de fazê balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora, acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.

(ROSA, 1995, p. 121).

Ao finalizar este Memorial que pretende recuperar uma longa trajetória de trabalho ainda em curso, continuo inquieta. Será que algo importante escapou? Será que houve excessos, transbordamentos? Leio e releio em busca de pistas que possam me auxiliar a colocar um ponto final no texto. No entanto, aqui a arbitrariedade do corte se faz imperiosa.

Tentei, ao longo de todos esses anos, publicizar o que produzi, entre outras modalidades sob a forma de publicações de única autoria, mas fundamentalmente em coautoria uma vez que se trata de uma produção eminentemente coletiva, como meu CV Lattes demonstra. Essas publicações em revistas qualificadas, livros e capítulos, demonstram meu compromisso com a socialização do conhecimento produzido. Incluem, também, apresentações em congressos científicos, palestras e conferências, mesas-redondas, cursos de curta duração. A assessoria a agências de fomento e a periódicos científicos elaborando pareceres sobre projetos e propostas de artigos e livros mantém-se de forma continuada, assim como a participação em comitês editoriais.

Leciono nos dois âmbitos, orientei dois pós-doutorandos (PDJ/CNPq), sendo que um deles passou em primeiro lugar no concurso público para a carreira docente no meu



departamento e hoje é meu colega no núcleo *Margens*. Dos meus seis ex-doutorandos, atualmente cinco são professores em universidades públicas e uma em uma instituição privada de ensino superior, como já mencionei.

Atualmente sou bolsista PQ1B/CNPq. Oriento oito doutorandos/as, um mestrando, um estagiário, duas bolsas PIBIC/UFSC/CNPq, uma bolsa IC/CNPq e uma bolsa AT/CNPq, além de duas bolsas de extensão PROEX/UFSC. Coordeno projetos de pesquisa e de extensão. O convênio com a Universidade do Porto deve avançar para a perspectiva de cotutela e já tenho uma orientação desta modalidade em andamento no doutorado. Também está prevista a vinda da Profa. Maria da Conceição Nogueira para o primeiro semestre de 2015, com a proposta de diversas atividades em parceria.

Os feminismos chegaram em minha vida, ao menos formalmente, de maneira tardia. Meus interesses iniciais centravam-se nas desigualdades de classe. Foram os feminismos que me possibilitaram, dentre tantas coisas que aqui já mencionei, o contato com as problematizações das questões étnico-raciais, coloniais e (hetero)sexistas. Digo feminismos porque acredito que não aderi àquele branco, europeizado, elitizado, heterossexual. Ao trabalhar com as várias formas de desigualdade social, meu olhar busca uma perspectiva interseccional que não justaponha ou superponha formas distintas de opressão/exploração/discriminação, de modo a secundarizar umas em relação às outras. Nessa intersecção, busco entender quais linhas se cruzam nesse emaranhado, tentando identificar diferentes nós e intensidades. Não gosto de conceitos como “empoderamento” ou de expressões como “dar a voz a”, uma vez que não acredito que detenha algo que possa ser repassado, como poder ou voz. Continuo apostando firmemente na potência de vida e dos bons encontros, nos prazeres e saberes compartilhados, na multiplicação de singularidades.

Há três anos posso me aposentar. O que me faz permanecer na ativa e tecer planos? Certa vez ouvi de uma professora da terceira série do ensino fundamental de uma escola pública: “não sei se gosto porque faço ou faço porque gosto”, refletindo sobre sua carreira no magistério. De minha parte, penso que a vida acadêmica continua me encantando e é por isso que ainda permaneço por aqui. Não sei e não posso precisar até quando, afinal, “viver é muito perigoso...”, dizia Riobaldo (ROSA, 1995, p. 17).

O certo é que não pretendo nada “espetaculoso”. Agrada-me o que já faço: lecionar e conviver com estudantes da graduação e da pós-graduação; orientar trabalhos de pesquisa e de extensão nos dois níveis; dar prosseguimento a parcerias, assim como estabelecer outras, com



colegas do meu departamento e de outras IES brasileiras e estrangeiras; socializar o que temos produzido, seja por meio de publicações e participações em eventos científicos, seja por meio de outras modalidades como as capacitações que temos oferecido em conjunto com a ADEDH para operadores de políticas públicas; participar de bancas de trabalhos de conclusão; elaborar pareceres para agências de fomento, periódicos e editoras; participar de comissões como as de avaliação de estágio probatório, progressão funcional, validação de diplomas, credenciamento de docentes para o PPGP, concursos para a carreira docente; dentre tantas outras atividades que venho realizando nesses 33 anos.

Em junho de 2011, a morte trágica do meu filho mais velho impactou e ainda impacta profundamente a minha vida. A busca por inventar um sentido para minha existência mostrou-se ainda mais aguda a partir da vivência radical do “sem sentido”. Certamente, minhas atividades na UFSC, as relações com o alunado e com colegas, a parcerias com ONGs e outras relações institucionais, as amizades sólidas consolidadas ao longo dos anos e, sobretudo, minha filha (recém doutora em início de carreira acadêmica) colaboram fortemente para que eu continue insistindo na potência do viver.

Penso que uma das coisas que devo cultivar, além de outras que hoje podem parecer obsoletas como a solidariedade, a integridade e a generosidade, é a gratidão. Nesse caso, quero afirmar aqui a minha profunda gratidão à UFSC por sua acolhida e por me possibilitar essa longa trajetória. Apesar de todas as dificuldades, é na UFSC que pude e posso trabalhar de forma mais aproximada daquela que almejei, dedicando-me à coisa pública, aos grupos subalternizados/despossuídos, aos chamados “corpos e sexualidades desviantes”, às políticas públicas e à discussão sobre direitos e cidadania, ao entendimento dos processos de subjetivação em meio ao emaranhado das relações de poder e suas possibilidades de resistência. Agradeço imensamente a todos/as os/as alunos/as com os/as quais tenho convivido (são a razão do meu trabalho), assim como aos/às colegas docentes e técnico-administrativos. Agradeço, também, às pessoas com as quais tenho trabalhado nos espaços externos à UFSC. Generosamente permitem que eu compartilhe algo de suas vidas e aprenda com isso. Assim, sigo trabalhando e militando, porque afinal acredito em uma vida acadêmica engajada politicamente e é isso que tenho tentado efetivar.

Travessia...



REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BUTLER, Judith. Fundamentos Contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 11, p. 11-42, 1998.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- CHARTIER, Roger. Entrevista. *TRÓPICO. Conversa com Roger Chartier por Isabel Lustosa*. 2004. Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/k-n/FCRB_IsabelLustosa_Conversa_RogerChatier.pdf. Acesso em 11 de novembro de 2014.
- CORTÁZAR, Julio. *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Matrizes do Pensamento Psicológico*. Petrópolis: Vozes, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. In: *Dits et écrits. IV. 1980-1988*. Paris: Gallimard, 1980. p. 41-95.
- FOUCAULT, Michel. *História de Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HARAWAY, Donna. SABERES LOCALIZADOS: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, v. 5, p. 07-41, 1995.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 1985.
- PEREC, Georges. *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.



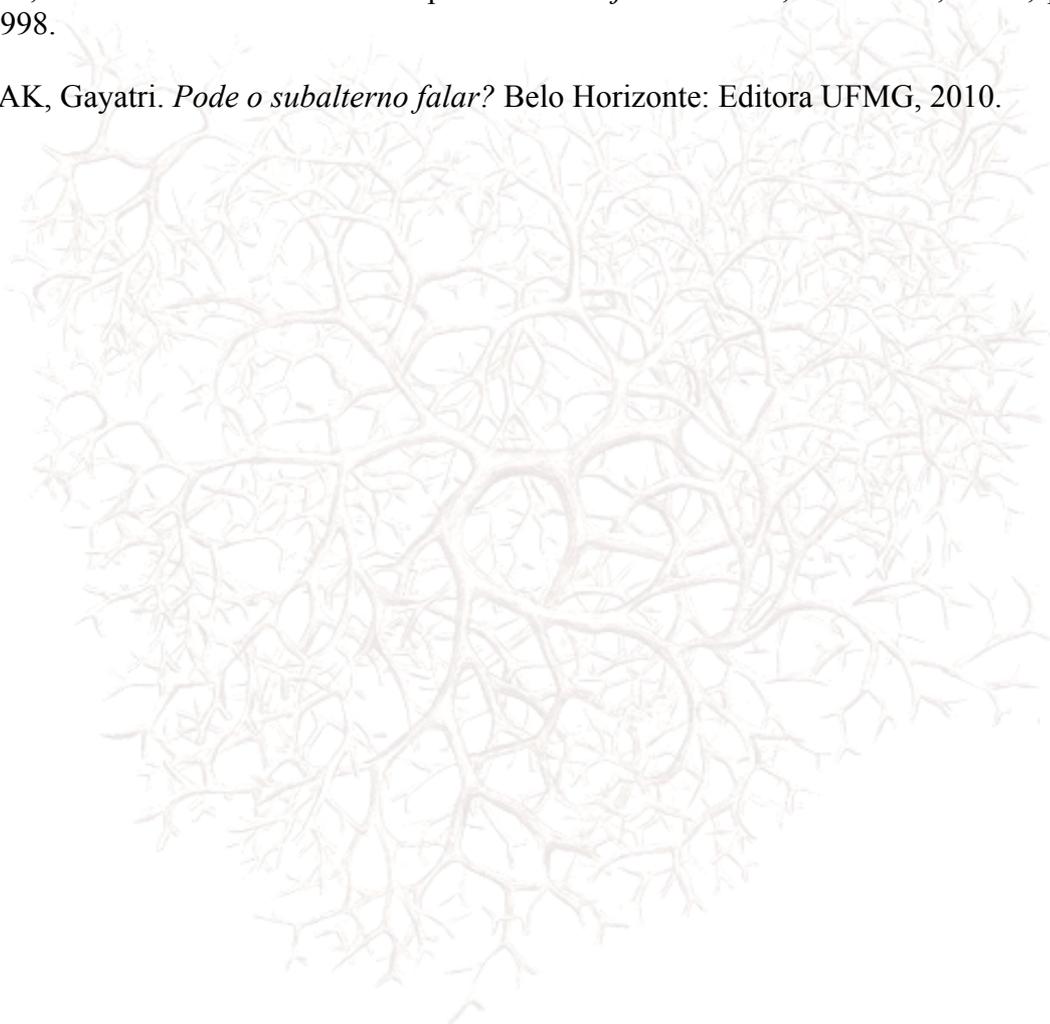
RICH, Adrienne. Notas para uma política da localização. In: MACEDO, Ana Gabriela. (Org.). *Gênero, Identidade e Desejo: Antologia Crítica do Feminismo Contemporâneo*. Lisboa: Cotovia, 2002. p. 15-35.

RUBIN, Gayle. The traffic in Women: SIRAEx on the "Political Economy of Sex" In: REITER, R. (Ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-209.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.

SCOTT, Joan. A invisibilidade da experiência. *Projeto História*, São Paulo, v. 16, p. 297-325, 1998.

SPIVAK, Gayatri. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.





ANEXO 1 – COMPROVAÇÃO PESQUISA PRODIR/CARLOS CHAGAS



Maria Juracy Toneli Siqueira
Av. César Seara, 192
88040-500 – Florianópolis / SC

São Paulo, 01 de dezembro de 1999

Prezada Maria Juracy,

Recebemos em 01 de dezembro de 1999 o relatório parcial de seu projeto *Paternidade Adolescente: seu lugar nos programas públicos na área da saúde reprodutiva na região da Grande Florianópolis* foi enviado para apreciação de nossos assessores.

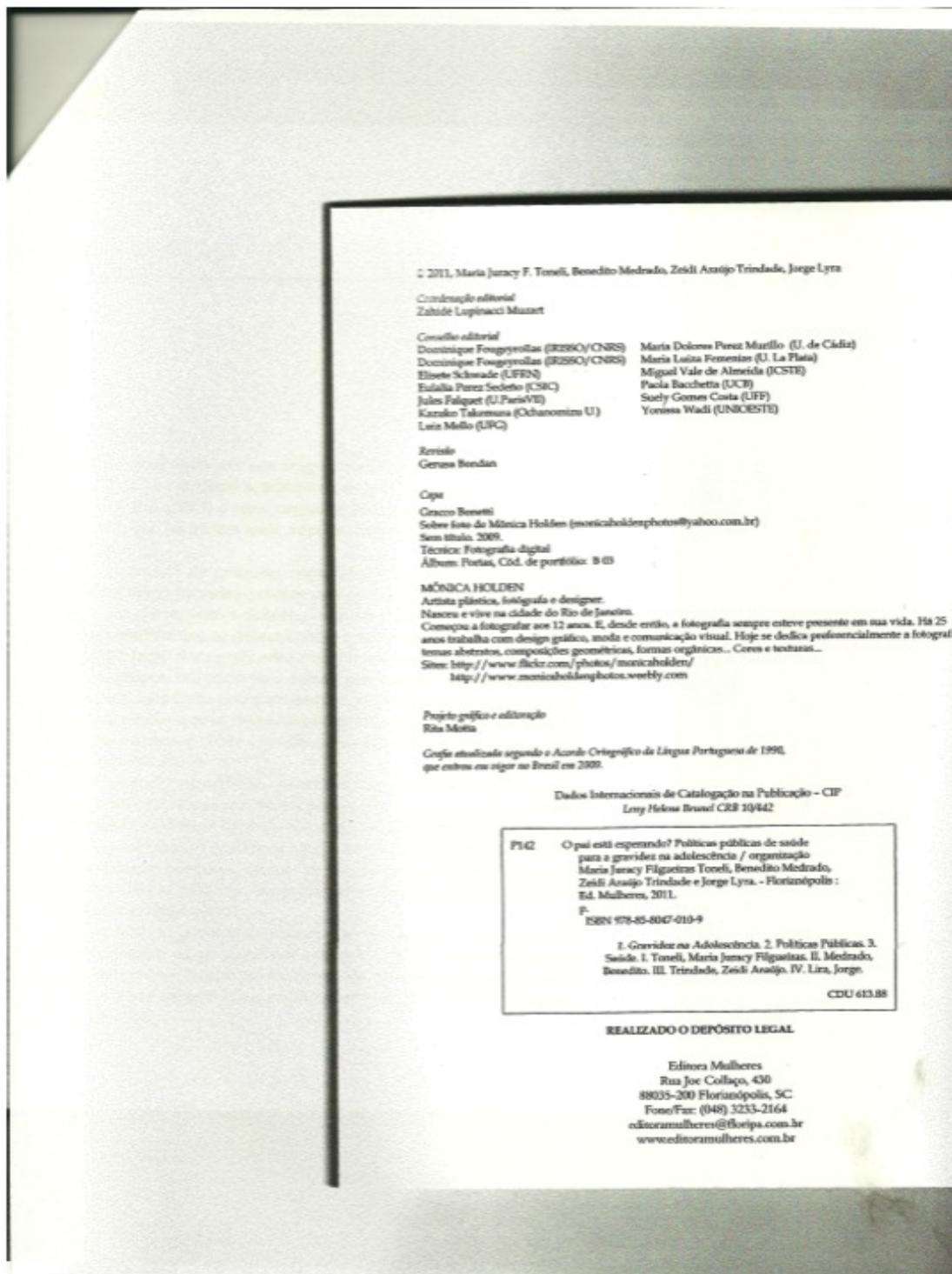
Agradecemos sua exatidão no cumprimento de prazos e lembramos que o pagamento da segunda parcela da dotação está na dependência da aprovação do relatório.

Estamos à sua disposição para as informações que desejar.

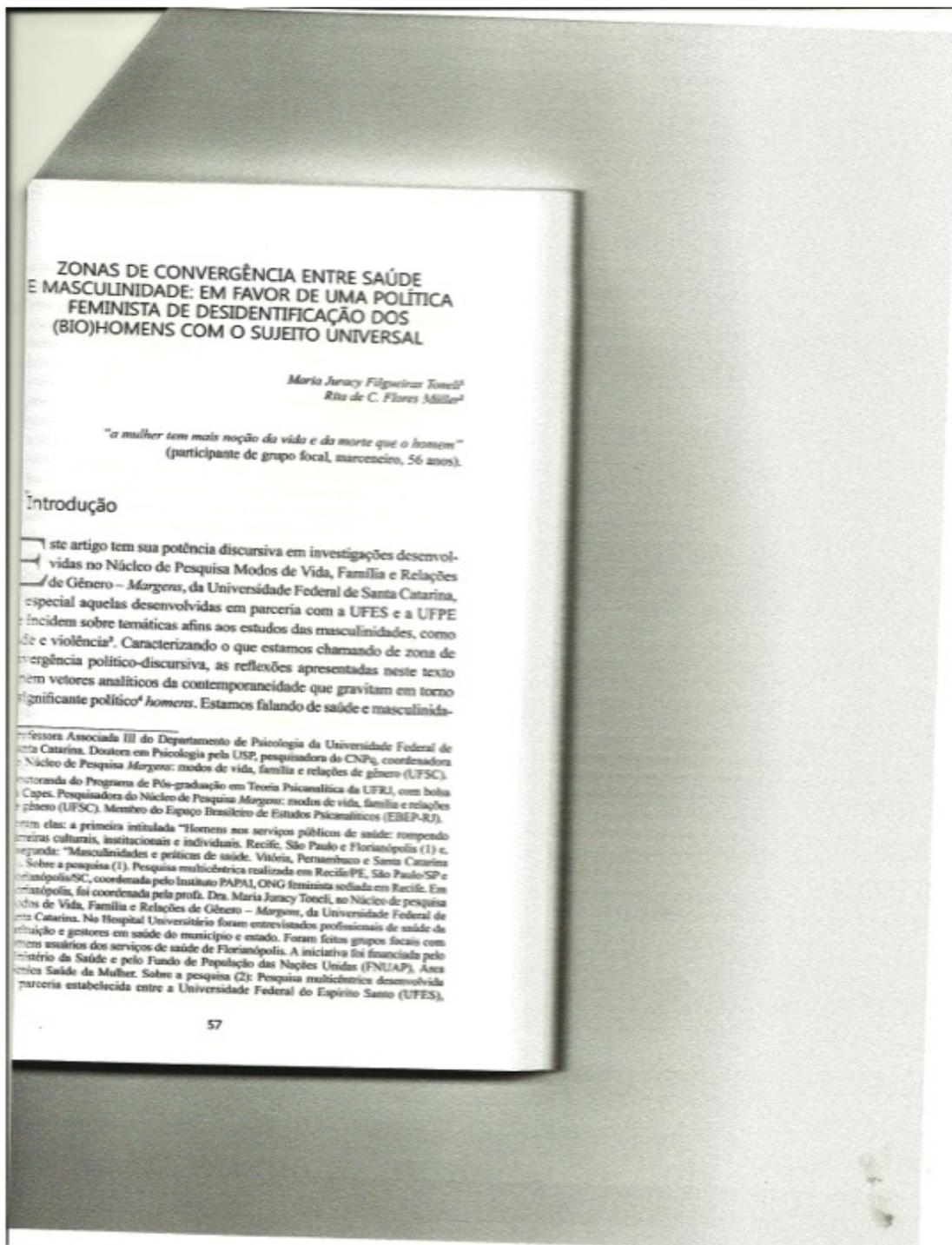
Cordialmente,

Albertina Costa
Coordenadora do PRODIR
acosta@fcc.org.br

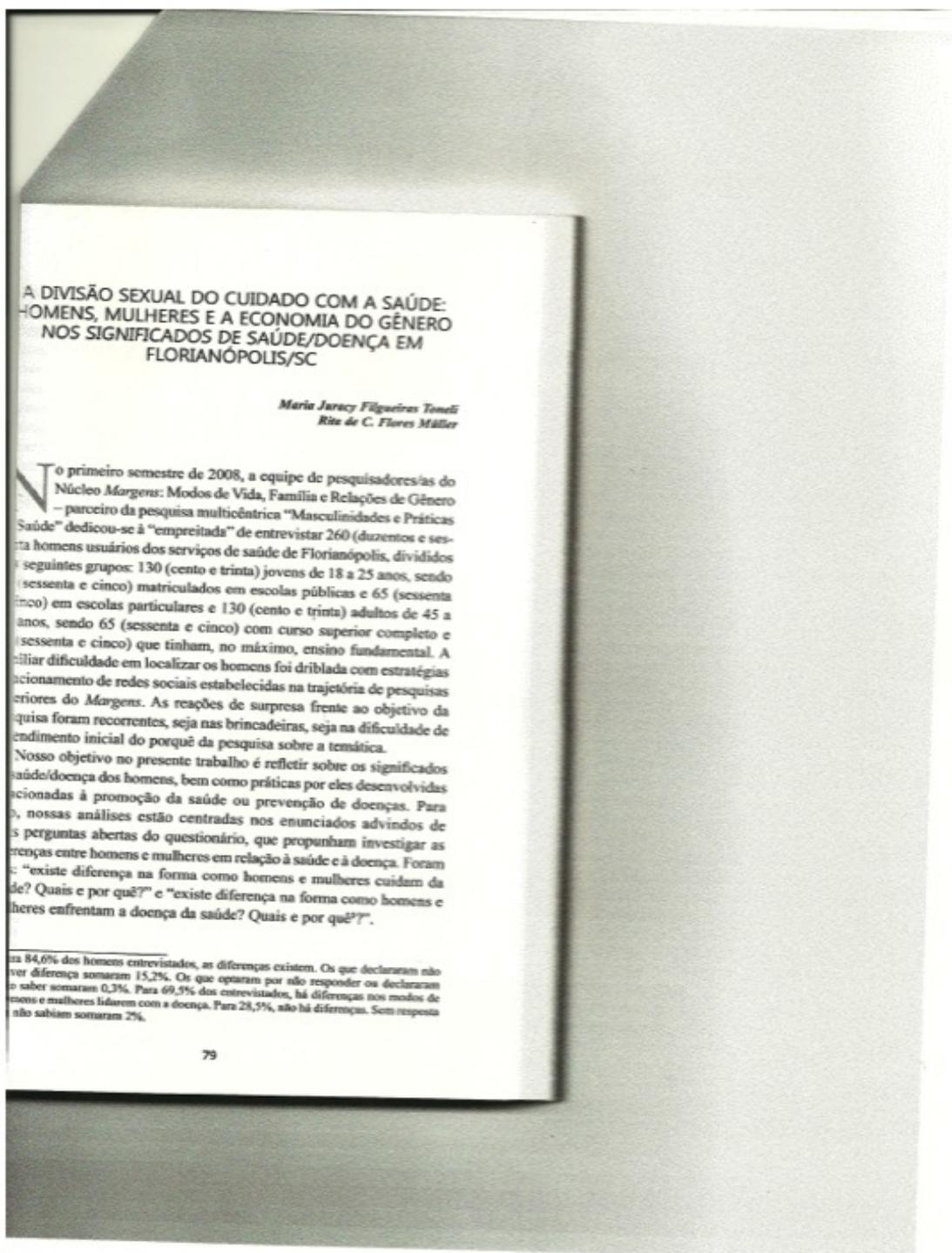
ANEXO 2 – COMPROVAÇÃO ORGANIZAÇÃO COLETÂNEA RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS IFES



ANEXO 3 – COMPROVAÇÃO CAPÍTULO PUBLICADO EM COLETÂNEA
RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS
IFES



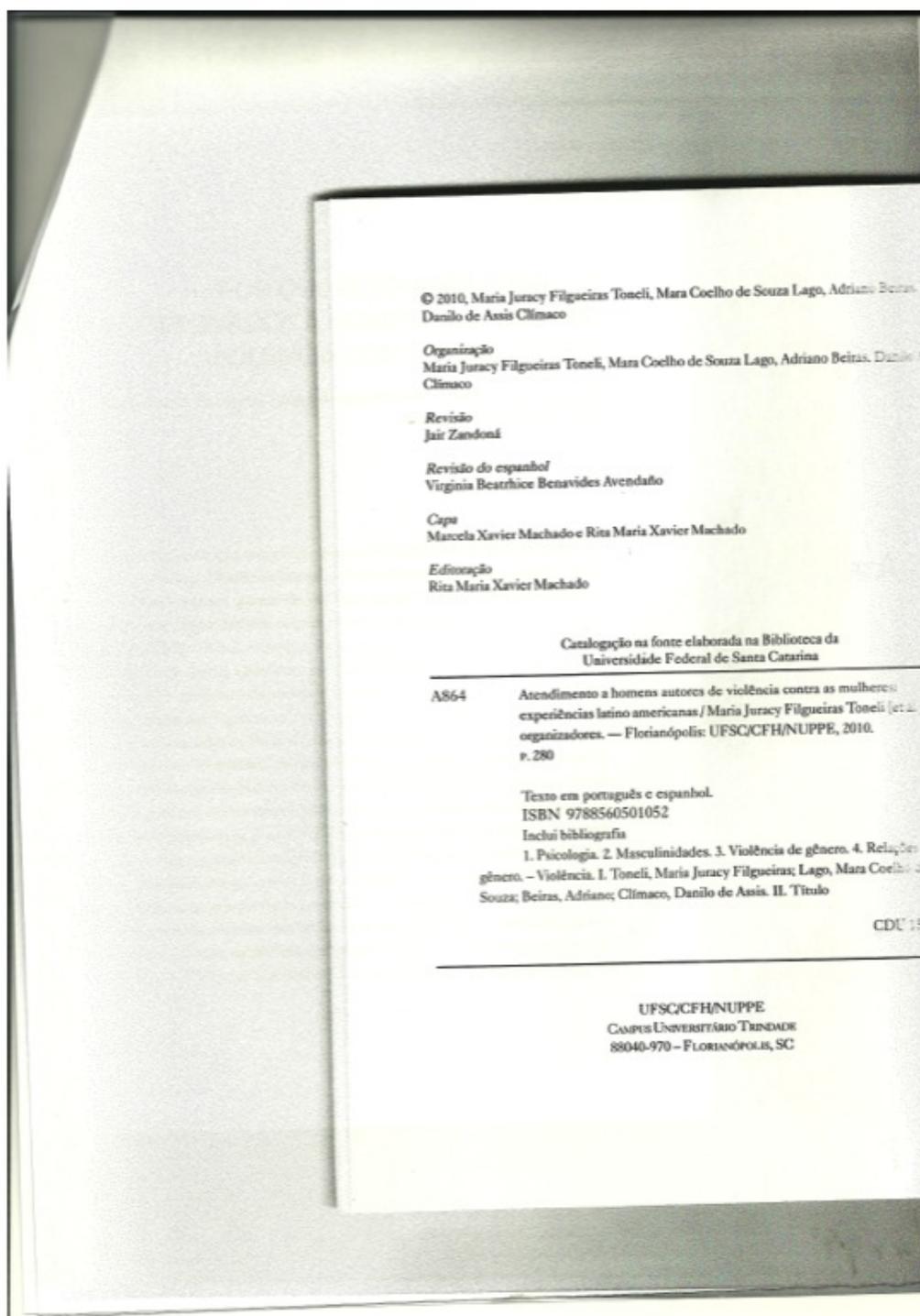
ANEXO 4 – COMPROVAÇÃO CAPÍTULO PUBLICADO EM COLETÂNEA RESULTANTE DE PESQUISA EM PARCERIA COM OUTRAS IFES



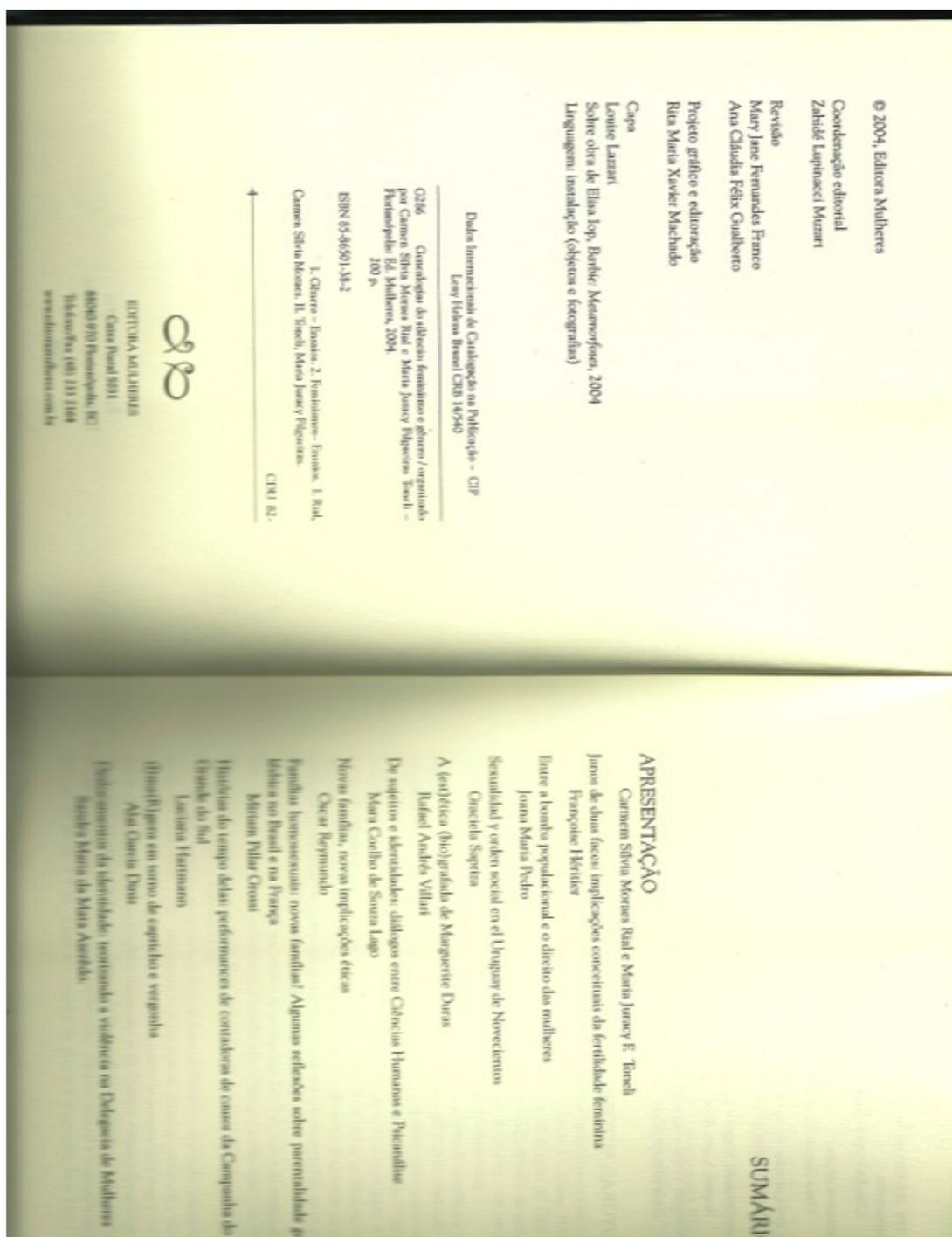
**ANEXO 5 – COMPROVAÇÃO DE FINANCIAMENTO DE PROJETO QUE
POSSIBILITOU A REALIZAÇÃO DO “Seminário e Workshop Internacional Políticas
de Atenção a Homens Autores de Violência contra a Mulher”**

RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO FINAL			
(Observação: as informações prestadas neste relatório poderão, no todo ou em parte, ser publicadas pela FAPESC.)			
1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO (item a ser preenchido pela FAPESC)			
1.1. N° do Contrato: CON13930/2007-0 N° FCTP: 2519/000		N° Convênio: - Chamada Pública a que se refere: EDITAL UNIVERSAL CP 03/2006	
1.2. Título do Projeto: VIOLÊNCIA SEXUAL E SAÚDE MENTAL: ANÁLISE DOS PROGRAMAS DE ATENDIMENTO A HOMENS AUTORES DE VIOLÊNCIA SEXUAL			
1.3 Grande Área do Conhecimento (usar a nomenclatura do CNPq): Ciências Humanas/Psicologia			
1.4. Coordenador(a) do Projeto: Maria Juracy Filgueiras Toneli			
1.5. Localização do projeto (Cidade/Região/SDR): Florianópolis			
1.5.1. Instituição: UFSC			
1.6.1. Valor total do projeto (incluindo todos os intervenientes): R\$ 58.720,00			
1.6.2. Participação da FAPESC: R\$ 17.920,00			
Custeio : R\$ 17.920,00		Capital: R\$	
1.6.3. Outras instituições participantes (nomear): UFSC e CNPq			
1.7. Início do Projeto: 25 / 04 / 2008		Término: 22 / 10 / 2008	
1.8 Equipe Executora			
Nome	Titulação	Instituição	Função no projeto
Maria Juracy Filgueiras Toneli	Doutora	UFSC	Coordenadora
Benedito Medrado Dantas	Doutor	UFPE	Co- Coordenador
Zeidi Araújo Trindade	Doutora	UFES	Co- Coordenadora
Jorge Lyra	Doutor	Instituto PAPAÍ/PE	Co- Coordenador

**ANEXO 6 – COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA
RESULTANTE DE TRABALHO DE PESQUISA FINANCIADA PELO CNPq**



ANEXO 7 – COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA RESULTANDO DO ENCONTRO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9





ANEXO 8 - COMPROVAÇÃO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL NA UFMG

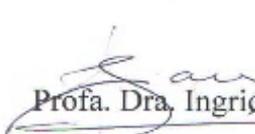


UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que Maria Juracy Filgueiras Toneli, registro UFMG: 2009752702, realizou residência pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG sob a tutoria do prof. Marco Aurélio Máximo Prado no período de 01 de março de 2009 a 31 de agosto de 2009.

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2014.


Profª. Dra. Ingrid Nascimento

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Ingrid Faria Cianordoli-Nascimento
Coordenadora
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Portaria N. 2163 de 15/04/2014
FAFICH/UFMG

ANEXO 9 - COMPROVAÇÃO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL NA UMINHO/PT



Universidade do Minho

Declaração

Maria da Conceição de Oliveira Carvalho Nogueira, docente da Escola de Psicologia e coordenadora do programa de Doutoramento em Psicologia Social desta Escola na Universidade do Minho, Braga, Portugal, declara que fez acompanhamento das actividades da Profa. Maria Juracy Filgueiras Toneli¹ relativas ao seu estágio pós-doutoral na Universidade do Minho.

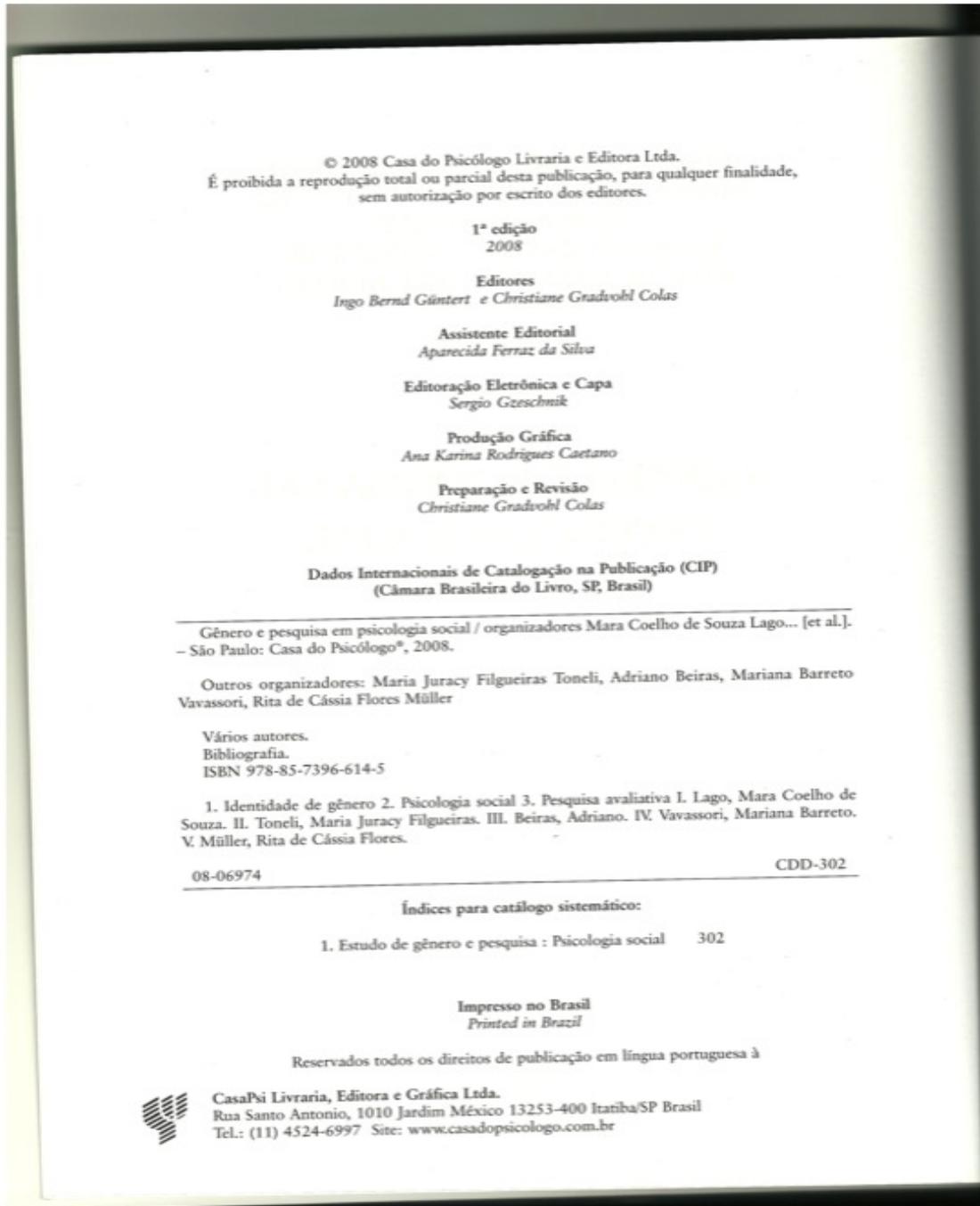
De um amplo conjunto de actividades realizadas no período de **Setembro de 2009 a Fevereiro de 2010** destacam-se:

- Desenvolvimento da pesquisa de pós-doutorado focada nos serviços de atenção aos homens que agredem mulheres;
- Workshops com os doutorandos do Programa de Doutoramento em Psicologia Social;
- Workshop com os doutorandos do Programa de Doutoramento em Psicologia da Saúde;

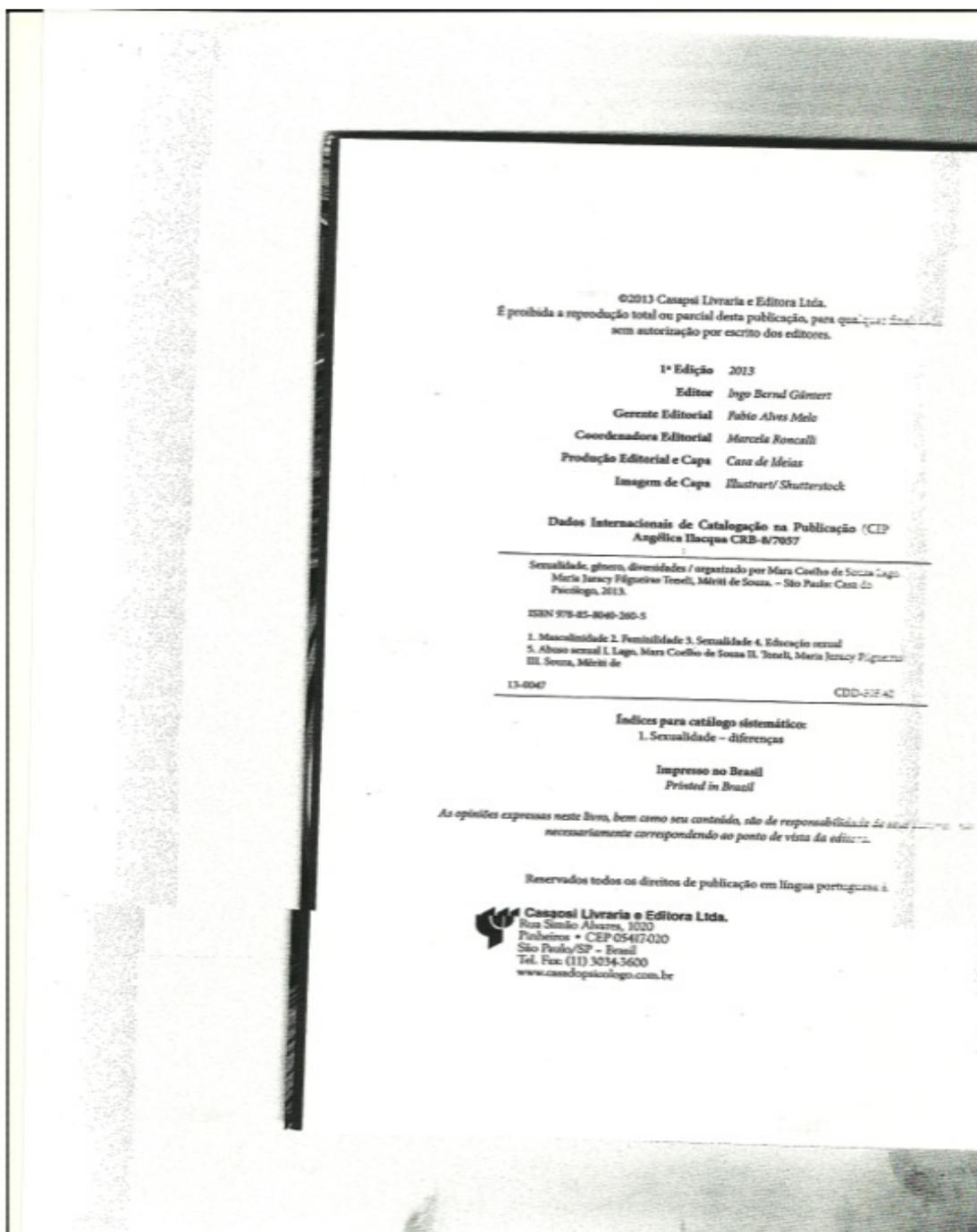
¹ Maria Juracy Filgueiras Toneli; Núcleo Margens: Modos de vida, família e relações de género; Departamento de Psicologia/CFH/UFSC; Campus Universitário – Trindade; 88040-500 - Florianópolis - SC - Brasil



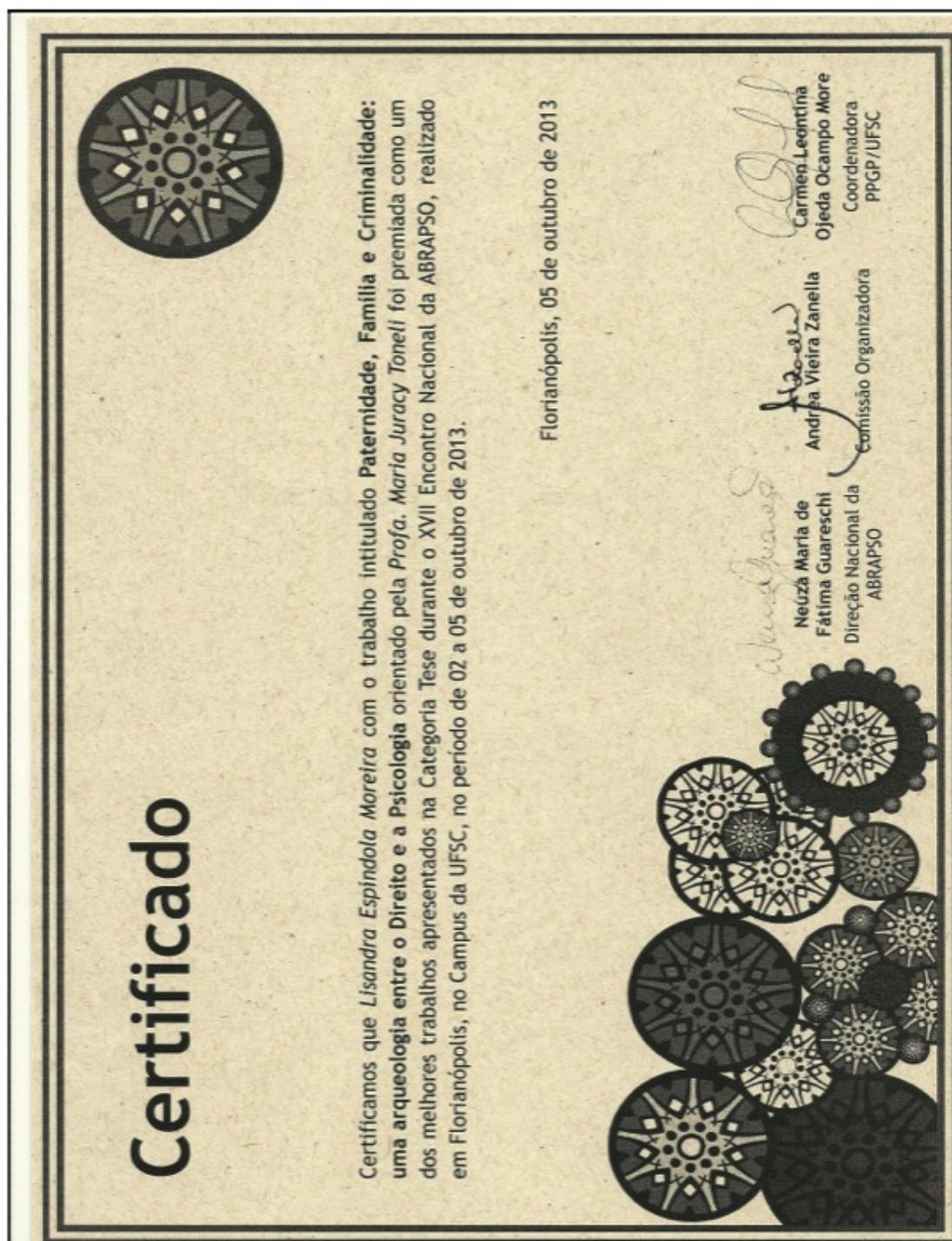
**ANEXO 10 – COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA
RESULTANTE DE DA 1ª. JORNADA *MARGENS* COM TRABALHOS DE
EGRESSOS DO NÚCLEO (MESTRADO E DOUTORADO)**



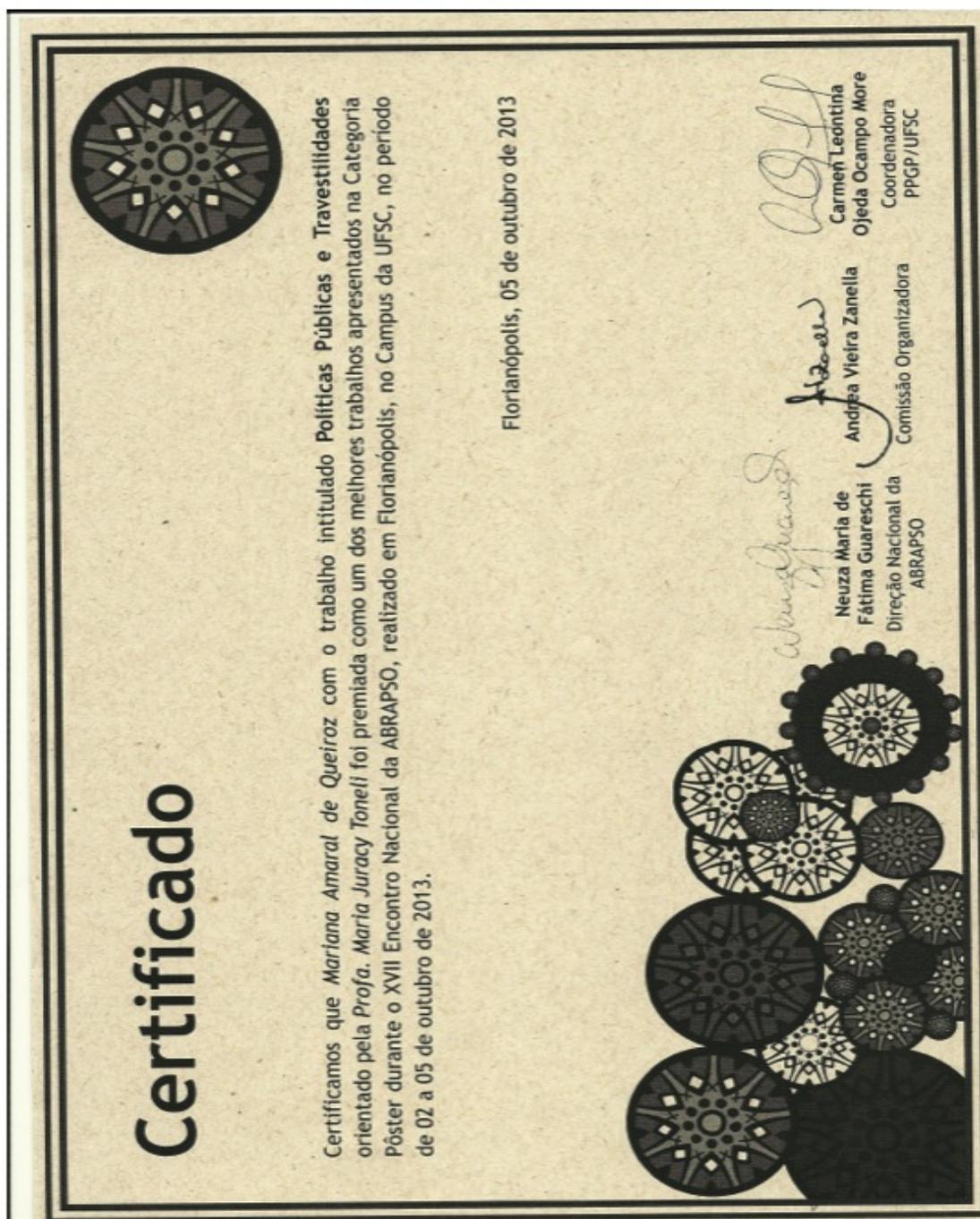
**ANEXO 11 – COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA
RESULTANTE DA 2ª. JORNADA *MARGENS* COM TRABALHOS DE EGRESSOS
DO NÚCLEO (MESTRADO E DOUTORADO)**



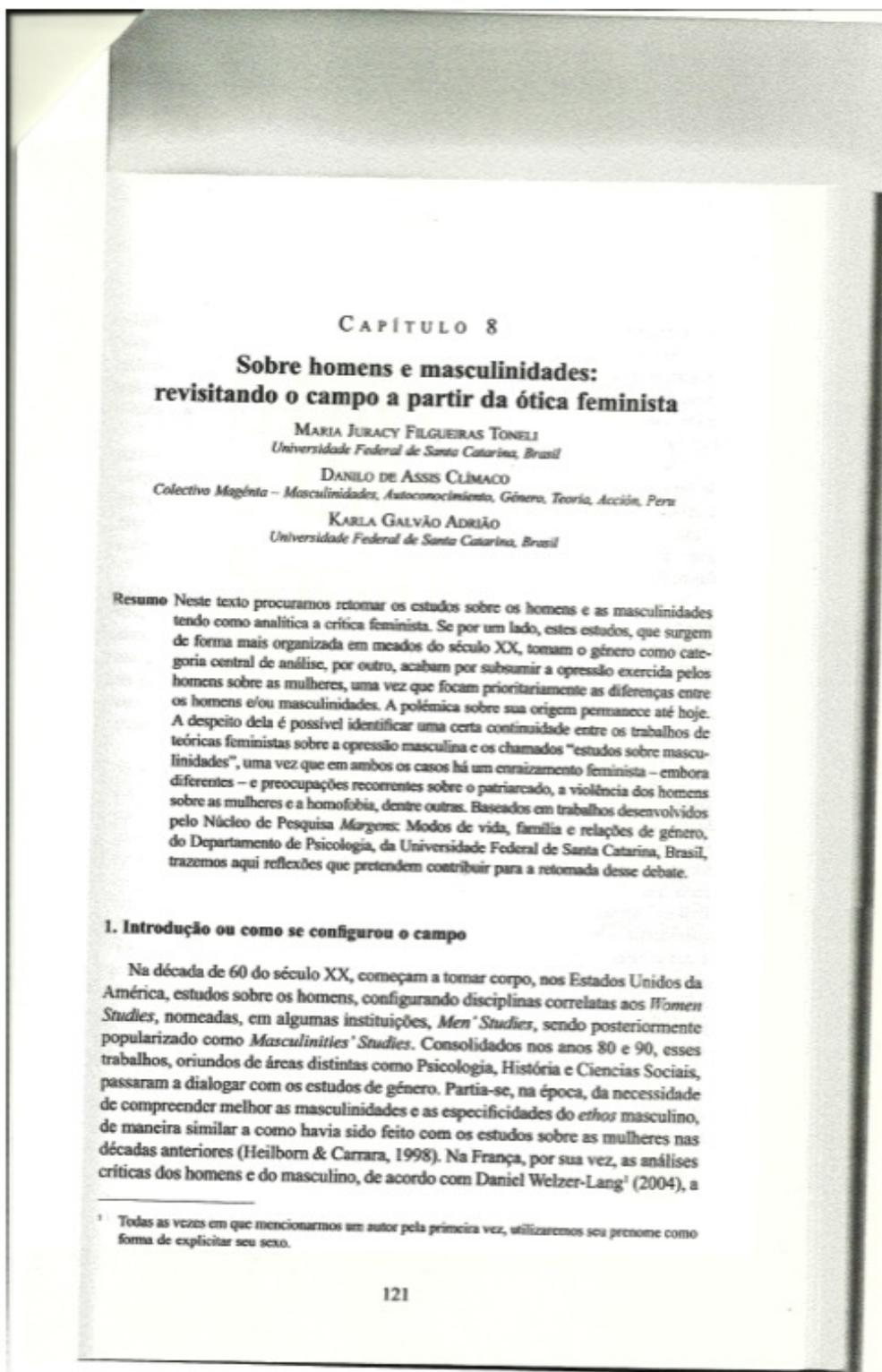
**ANEXO 12 – COMPROVAÇÃO DE PRÊMIO RECEBIDO DA ABRAPSO POR
TRABALHO ORIENTADO (POSTERIORMENTE PUBLICADO NA REVISTA
PSICOLOGIA & SOCIEDADE)**



ANEXO 13 – COMPROVAÇÃO DE PRÊMIO RECEBIDO DA ABRAPSO POR TRABALHO ORIENTADO (PIBIC) E APRESENTADO NO FORMATO PÔSTER

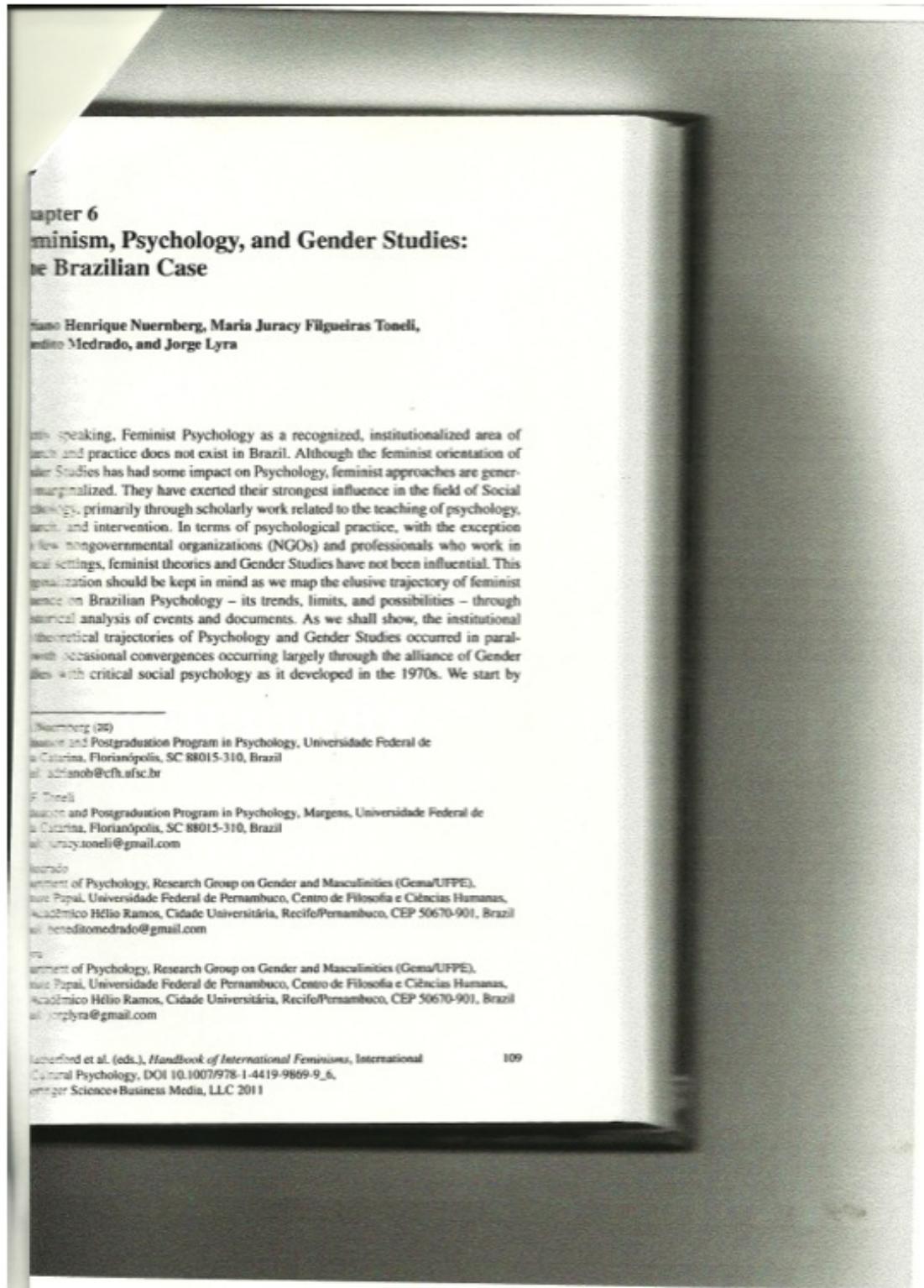


ANEXO 14 – COMPROVAÇÃO DE CAPÍTULO NO LIVRO GÊNERO E CIÊNCIAS SOCIAIS PUBLICADO EM PORTUGAL





ANEXO 15 – COMPROVAÇÃO DE PUBLICAÇÃO DE CAPÍTULO NO HANDBOOK OF INTERNATIONAL FEMINISMS





**ANEXO 16 – COMPROVAÇÃO DE CONVITE PARA SER OBSERVADORA
BRASILEIRA NA REUNIÃO PREPARATÓRIA DA 48ª. SESSÃO DA CSW/ONU**



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES
Esplanada dos Ministérios Bloco "L" sala 200 – Ed. Sede
CEP 70047-900 Brasília, DF.
Telefones (61) 410-9381/9377 Fax: (61) 410-9355/9362
spmulheres@spmulheres.gov.br
Disque-Saúde Mulher: 0800 6440803

Ofício nº 1476 SPM/PR

Brasília, 14 de outubro de 2003.

A Sua Senhoria a Senhora
MARIA JURACY TONELI
UFSC – Programa de Pós Graduação em Psicologia

Prezada Senhora,

Cumprimentando-a cordialmente venho, pelo presente, encaminhar convite para sua participação como observadora brasileira na reunião técnica preparatória da 48ª Sessão da CSW/ONU, em Brasília/DF.

O Governo brasileiro, através da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, irá sediar, entre os dias 21 a 24 de outubro do ano em curso, no Palácio do Itamaraty, uma reunião técnica preparatória da 48ª Sessão da Comissão sobre a Situação da Mulher (CSW), uma das comissões funcionais do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC).

A 47ª Sessão da Comissão para o Avanço da Mulher, realizada em março de 2003, escolheu como temas de trabalho para a 48ª Sessão discutir "o papel dos homens e meninos para alcançar a igualdade de gênero" e "o papel da igualdade das mulheres na prevenção e na resolução de conflitos na construção da paz".

A reunião preparatória que será sediada pelo Brasil terá como tema de trabalho, aprofundar os debates sobre: "**O papel dos homens e meninos para alcançar a igualdade de gênero**". Nesta reunião pretende-se analisar as relações desiguais de poder entre homens e mulheres, os estereótipos e os processos de socialização, como desafios na busca da igualdade de gênero, dando particular ênfase no papel dos homens e jovens no ambiente de trabalho e na prevenção da HIV/AIDS. O idioma dos trabalhos será o inglês (com tradução simultânea) e somente a sessão inaugural será ampliada.

A Reunião Técnica Preparatória contará com cerca de 45 especialistas no tema da igualdade de gênero, de diferentes países, e terá a duração de quatro dias, tendo como objetivo produzir um documento contendo o sumário das discussões, com recomendações dirigidas aos governos, ao sistema das nações unidas,

**ANEXO 17 – COMPROVAÇÃO DE PROJETO REALIZADO JUNTO À
DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER EM
FLORIANÓPOLIS EM 2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Extensão

Certificado

Certificamos que MARIA JURACY FILGUEIRA TONELI participou do(a) Capacitação de profissionais da 6ª DP de Florianópolis para a implantação de grupos de homens autores de violência contra a mulher, realizado no período de 05/08/2007 a 31/12/2007 como Coordenador do projeto.
Conceito Final: - Carga Horária: 400 hora(s).



Coordenador: MARIA JURACY FILGUEIRA TONELI
Nro. de Registro: 2007.0840

Este certificado dispensa assinatura
PROEX - UFSC

**ANEXO 18 – COMPROVAÇÃO DE PROJETO REALIZADO JUNTO À
DELEGACIA ESPECIALIZADA NO ATENDIMENTO À MULHER EM
FLORIANÓPOLIS EM 2008**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Pró-Reitoria de Extensão

Certificado

Certificamos que MARIA JURACY FILGUEIRA TONELI participou do(a) Capacitação de profissionais da 6ª DP de Florianópolis e implantação de grupos de homens autores de violência contra a mulher, realizado no período de 01/03/2008 a 31/12/2008 como Coordenador do projeto.
Conceito Final: - Carga Horária: 400 hora(s).

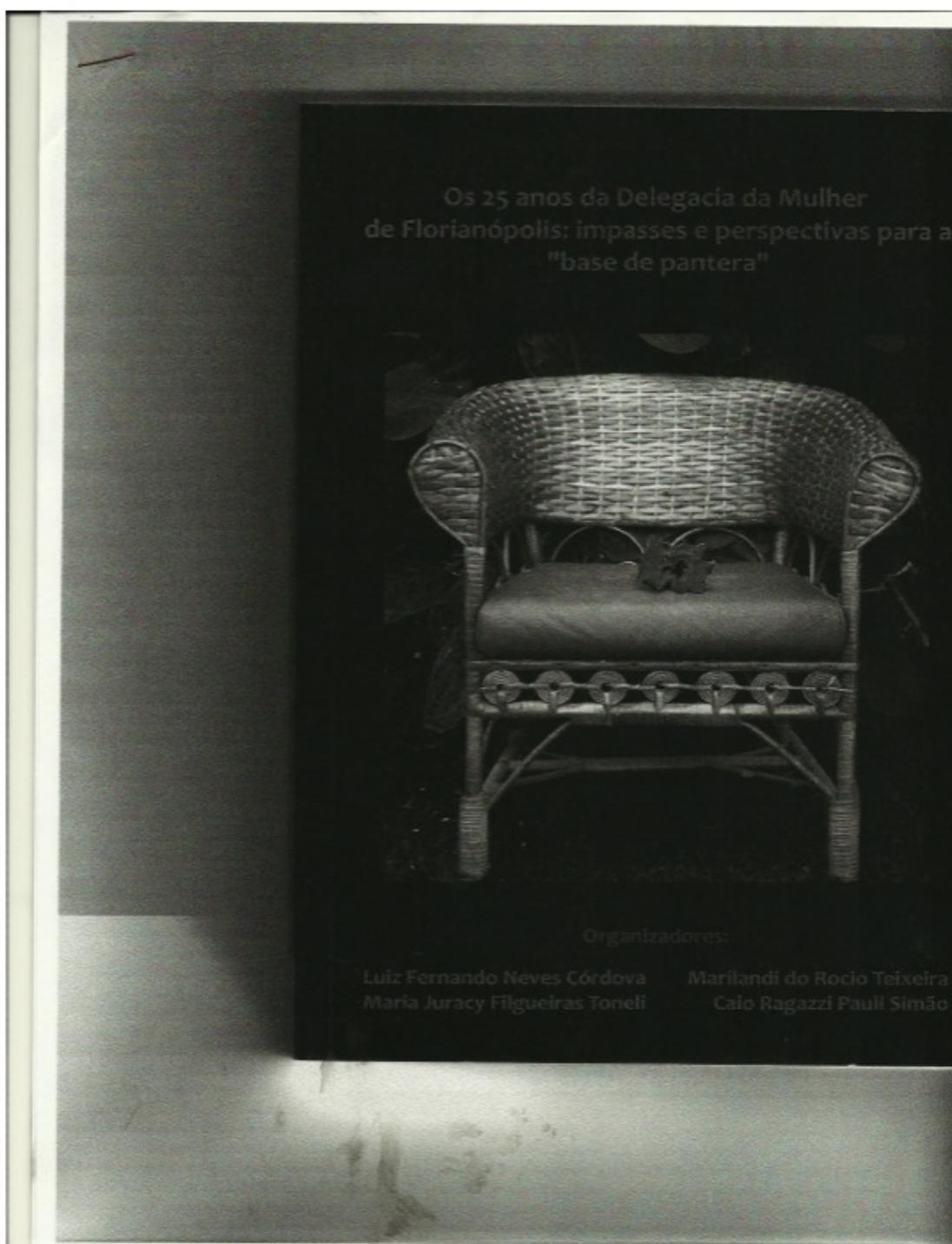


Coordenador: MARIA JURACY FILGUEIRA TONELI
Nro. de Registro: 2008.0358

Este certificado dispensa assinatura
PROEX - UFSC



**ANEXO 19 – COMPROVAÇÃO DE ORGANIZAÇÃO DE COLETÂNEA EM
PARCERIA COM PROFISSIONAIS DA DELEGACIA ESPECIALIZADA NO
ATENDIMENTO À MULHER EM FLORIANÓPOLIS**



**ANEXO 20 – COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA SUBCHEFIA DO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA/UFSC**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CAIXA POSTAL 456
CEP. 88040 - FLORIANÓPOLIS - SANTA CATARINA
TEL. (0482) - 33.1000 - TELEX: 0402 200

Florianópolis, 03 de julho de 1987. PORTARIA Nº 309 /GR/87

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições, e tendo em vista o que consta no Ofício nº 082/CCH/87, de 12/06/87,

R E S O L V E :

DESIGNAR a Professora **MARIA JURACY TONELI SIQUEIRA**, para exercer a função de Sub-Chefe do Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Humanas, com mandato de 2(dois) anos, a partir de 1º/07/87.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

/rnr

UFSC - Mod. 1007

Imprensa Universitária



**ANEXO 21 – COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE
COORDENADORA DO PPGP/UFSC NO PERÍODO DE 2000 A 2002**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR
Campus Universitário - Trindade - CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC
Tel.: (48) 331-9320 - Fax: (48) 234-4069 - E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

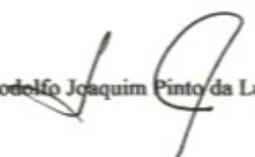
Florianópolis, 07 de novembro de 2000. **PORTARIA Nº 0662/GR/2000.**

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista os termos do Ofício nº 228/CFH/2000, de 27/10/2000,

RESOLVE:

DESIGNAR MARIA JURACY TONELI SIQUEIRA, Professor Adjunto, masis nº 59867, siape nº 1157712, para exercer as funções de Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97, para um mandato de 02 (dois) anos.

2. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação no DOU.

Prof.  Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

UFSC - GR
Publicado no DOU nº 017-E
Em 10/11/2000 Seção 2.P.9
Em 16/11/2000

LHSM/lhsm
P0611mjt



**ANEXO 22 – COMPROVAÇÃO DA NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE
COORDENADORA DO PPGP/UFSC NO PERÍODO DE 2002 A 2004**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE - CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE: (48) 331-9320 - FAX: (48) 234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 06 de novembro de 2002.

PORTARIA Nº 0575/GR/2002.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista os termos do Ofício nº 185/CFH/2002, de 22/10/2002,

RESOLVE:

DESIGNAR, **MARIA JURACY TONELI SIQUEIRA**, Professor Adjunto, masis n.º 59867, siape n.º 1157712, para exercer as funções de Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código FG-1, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97, para um mandato de 02 (dois) anos.

2. Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação no DOU.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

BNB/bnb
P0511mjt

UFSC - GR
Publicado no DOU nº 218
Em 11/11/2002 Seção 2.
Em 11/11/2002

**ANEXO 23 – COMPROVAÇÃO DE REPRESENTAÇÃO DO CFH NA CÂMARA DE
PÓS-GRADUAÇÃO DA UFSC**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
ÓRGÃOS DELIBERATIVOS CENTRAIS
Campus Universitário - Trindade - CEP: 88040-900 - Florianópolis - SC
Tel. e Fax: (48) 331-9661 - E-mail: conselho@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 30 de novembro de 2000.

PORTARIA Nº 0734/GR/2000

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, e tendo em vista o disposto no inciso II do art. 17-C do Estatuto e Ofício nº 261/CFH/2000, de 27 de novembro de 2000,

RESOLVE:

DESIGNAR a Professora **MARIA JURACY TONELI SIQUEIRA**, como representante dos Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação *Stricto sensu* do Centro de Filosofia e Ciências Humanas na Câmara de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo período de 27/11/2000 a 10/11/2002.


Prof. Rodolfo Joaquim Pinto da Luz

PMJuracyCFH

**ANEXO 24 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO DE
GERÊNCIA E PLANEJAMENTO DO PROF/CAPES/UFSC**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Fone: (048) 331-9284 FAX: (048)331-9599

Florianópolis, 13 de março de 2003

OficiCirc. 04 /PRPG/2003

À: **Prof. Maria Juracy Toneli Siqueira**
Membro da Comissão do PROF/CAPES
DO: Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, em exercício

Prezado Professor,

Ao encerramento do Biênio 2001/2002 do Programa de Fomento à Pós-graduação – PROF/CAPES, vimos agradecer a valiosa colaboração de Vossa Senhoria como membro integrante da Comissão de Gerência do PROF durante este período. Sua participação ativa na administração deste programa e na elaboração do Relatório e do Planejamento Global da Pós-graduação na UFSC, foram de fundamental importância para a execução e sucesso do convênio.

Na oportunidade, temos a satisfação de informar que a CAPES aprovou o Relatório Final, referente ao Biênio 2001/2002, e se manifestou favorável à continuidade do Programa na UFSC no Biênio 2003/2004, com um acréscimo de 5% nos recursos de custeio.

Esperamos poder continuar contando sempre com a colaboração e préstimos de Vossa Senhoria.

Cordialmente,


José Carlos Cunha Petrus

**ANEXO 25 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA DIRETORIA DA ANPEPP
GESTÃO 2004-2006**



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA
E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que a Profa. Dra. Maria Juracy Toneli integrou como membro a Diretoria da Associação Nacional de Pesquisa - ANPEPP, no biênio 2004-2006, no cargo de Secretária Executiva.

Porto Alegre, 05 de outubro de 2006.

Sílvia Helana Koller

Presidente

**ANEXO 26 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA COMISSÃO
QUALIS/CAPES DA ÁREA DA PSICOLOGIA REPRESENTANDO A ANPEPP NO
BIÊNIO 2004-2005**



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA
E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO

Declaramos para os devidos fins que Maria Juracy Toneli foi membro da Comissão Qualis ANPEPP/CAPES, para Avaliação de Periódicos Científicos em Psicologia, representando a Associação Nacional de Pesquisa – ANPEPP, no período de 2004 e 2005.

Porto Alegre, 05 de outubro de 2006.


Sílvia Helena Koller
Presidente



**ANEXO 27 – COMPROVAÇÃO DE COORDENAÇÃO DO SIMPÓSIO DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DA ANPEPP EM 2006**



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA
E PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Profa. Dra. Maria Juracy Toneli organizou e coordenou o XI Simpósio de Pesquisa e Pós-graduação em psicologia da ANPEPP, no ano de 2006, realizado em Florianópolis, Santa Catarina, no período de 15 a 19 de maio do corrente ano.

Porto Alegre, 05 de outubro de 2006.


Sílvia Helena Koller
Presidente



ANEXO 28 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO CONTINUADA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/CAPES EM 2005

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



Capes
Documento de Área: Psicologia

RELATÓRIO

A Avaliação Continuada da área da Psicologia referente à agenda 2005 foi realizada entre os dias 17 e 21 de outubro, na sede da Capes em Brasília, DF. Participaram das atividades os professores Emma Otta (USP); Sílvia Helena Koller (UFRGS); Antônio Virgílio Bittencourt Bastos (UFBA); Anna Carolina LoBianco Clementino (UFRJ); Maria Juracy Figueiras Tonelli (UFSC); Sebastião de Sousa Almeida (USP/IRP); Maria Amália Pie Abib Andery (PUCSP); Fermino Fernandes Sisto (USF); Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ); Ana Maria de Toledo Piza Rudge (PUC-Rio); Zeidi Araújo Trindade (UFES); Gardênia da Silva Abbad (UnB); Francisco José Batista de Albuquerque (UFPB) e Jorge Tarcisio da Rocha Falcão (UFPE), sob a coordenação de Oswaldo Hajime Yamamoto (Representante da Área - UFRN) e Emmanuel Zagury Tourinho (Representante Adjunto - UFPA).

É importante assinalar que a Avaliação Trienal e a Avaliação Continuada, embora concorram para a avaliação do SNPG, são processos distintos. A Avaliação Continuada constitui-se em um acompanhamento do sistema, tendo por finalidade orientar e não julgar os Programas. A Avaliação Continuada não implica, portanto, a atribuição de notas, mas observações acerca do funcionamento do Programa no período imediatamente precedente.

A Avaliação Continuada de 2005 foi realizada em condições especiais, que mereçam ser destacadas. Em primeiro lugar, em virtude de mudanças no aplicativo para a coleta dos dados dos Programas, houve um atraso no período de avaliação (para o sistema, de 17 de outubro a 16 de dezembro), o que acarretará a divulgação dos resultados no final do penúltimo ano válido para efeito da Avaliação Trienal, que acontecerá em 2007. Portanto, em que pese ao fato de ser um dentre três eventos que compõem a avaliação do sistema, a Avaliação Continuada 2005 talvez seja a única oportunidade de, considerando o desempenho dos Programas no triênio, produzir efeitos



ANEXO 29 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO CONTINUADA DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/CAPES EM 2006

Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



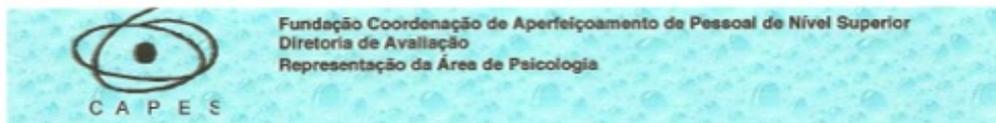
Capes

Relatório Anual: Avaliação Continuada – 2006 - Ano Base 2005
Área de Avaliação: PSICOLOGIA

O Acompanhamento Anual da área da Psicologia referente à agenda 2006 foi realizado entre os dias 16 e 20 de outubro, na sede da Capes - Diretoria de Avaliação, em Brasília, DF. Participaram das atividades os professores Emma Otta (USP); Silvia Helena Koller (UFRGS); Antônio Virgílio Bittencourt Bastos (UFBA); Lúcia Rabello de Castro (UFRJ); Maria Juracy Filgueiras Tonelli (UFSC); Sebastião de Sousa Almeida (USP/RP); Maria Amália Pie Abib Andery (PUCSP); Fermino Fernandes Sisto (USF); Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ); Ana Maria de Toledo Piza Rudge (PUC-Rio); Zeidi Araújo Trindade (UFES); Gardênia da Silva Abbad (UnB); Francisco José Batista de Albuquerque (UFPB); Jorge Tarcisio da Rocha Falcão (UFPE) e Luis Flávio Couto (UFMG), sob a coordenação de Oswaldo Hajime Yamamoto (Representante da Área - UFRN) e Emmanuel Zagury Tourinho (Representante Adjunto - UFPA). Os quatro primeiros avaliadores e mais os representantes constituem o 'Núcleo Duro' da área da Psicologia, conforme as determinações da Capes para o triênio 2004-2007. Paulo Rogério Meira Menandro (UFES), representante da área no triênio 2001-2004, participou dos trabalhos na condição de consultor, tendo feito parte da comissão responsável pela elaboração da Nova Ficha de Avaliação.

O Acompanhamento envolveu o exame de 47 Programas: 26 com os níveis de Mestrado e de Doutorado (embora nem todos tenham sido avaliados nos dois níveis, devido à aprovação recente do nível de Doutorado), 20 somente com Mestrado e 1 apenas com o Doutorado. Quanto à distribuição regional, a situação é a seguinte: região Sul: 5 Programas (3 com o nível de Doutorado); região Sudeste: 27 Programas (17 com o nível de Doutorado); região Centro-Oeste: 4 Programas (2 com o nível de Doutorado); região Nordeste: 9 Programas (3 com o nível de Doutorado, sendo um deles, consorciado, envolvendo duas IFES) e região Norte: 2 Programas (1 com nível de Doutorado) (Relação no Anexo 1). É importante registrar que existem mais 10 Programas aprovados na área, sendo seis Programas com atividades iniciadas em 2006 e quatro Programas com previsão de início para 2007 (Relação no Anexo 2). Quanto à distribuição geográfica, os dez novos Programas localizam-se 2 na região Sul, 3 na região Sudeste, 1 na região Nordeste e 4 na região Centro-Oeste (estes últimos na UnB, com os níveis de Mestrado e de Doutorado)

ANEXO 30 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NA AVALIAÇÃO TRIENAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA/CAPES EM 2007



DOCUMENTO DA ÁREA DA PSICOLOGIA RELATÓRIO FINAL DA AVALIAÇÃO TRIENAL 2007

1. Composição da Comissão da Área

A Comissão de Avaliação dos Programas da área de Psicologia foi composta pelos professores Ana Maria de Toledo Piza Rudge (PUC-Rio), Ana Maria Jacó-Vilela (UERJ), Ana Raquel Rosas Torres (UCGO), Anna Carolina Lo Bianco Clementino (UFRJ), Antonio Virgílio Bittencourt Bastos* (UFBA), Fermino Fernandes Sisto (USF), Gardênia da Silva Abbad (UnB), Jorge Tarcísio da Rocha Falcão (UFPE), Leny Sato (USP), Lillian Milnitsky Stein (PUC-RS), Lúcia Rabello de Castro* (UFRJ), Marco Aurélio Máximo Prado (UFMG), Maria Amália Pie Abib Andery (PUC-SP), Maria Juracy Figueiras Toneli (UFSC), Sebastião de Sousa Almeida (USP-RP), Sílvia Helena Koller* (UFRGS), Terezinha Féres-Carneiro (PUC-Rio) e Zeidi Araujo Trindade* (UFES).

A Comissão atuou sob a coordenação dos professores Oswaldo Hajime Yamamoto* (UFRN – Representante de Área), Emmanuel Zagury Tourinho* (UFPA – Representante Adjunto de Área) e Paulo Rogério Meira Menandro (UFES – consultor). Os nomes assinalados com asterisco compuseram o Núcleo Duro da Área¹.

O processo de avaliação das reconsiderações (das decisões da Comissão da Área e do Conselho Técnico-Científico) ficou sob a responsabilidade de uma comissão (parcialmente recomposta e dimensionada pelo número e especificidades dos Programas solicitantes) constituída pelos professores Maria Lúcia Seidl de Moura (UERJ), Cláudio Simon Hutz (UFRGS), Paulo Rogério Meira Menandro (UFES) e Antonio Virgílio Bittencourt Bastos (UFBA), ainda sob a coordenação de Oswaldo Hajime Yamamoto (UFRN) e Emmanuel Zagury Tourinho (UFPA).

2. Organização e Desenvolvimento dos Trabalhos de Avaliação

A avaliação constou das seguintes etapas:

2.1. Atualização do Qualis-Periódicos e elaboração do Qualis-Livros

A atualização da classificação dos periódicos e a avaliação de livros da área foram realizadas no período de 23 de abril a 5 de julho de 2007, na Biblioteca do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), por uma comissão mista composta por membros indicados pela Representação da Área (Antonio Virgílio Bittencourt Bastos, UFBA; Emmanuel Zagury Tourinho, UFPA; Maria Amália Pie Abib Andery, PUC-SP, e Fermino Fernandes Sisto, USF) e pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP (Maria do Carmo Guedes, PUC-SP; Cleci Maraschin, UFRGS; Gerson Yukio Tomanari, USP; e Paulo Rogério Meira Menandro, UFES). Para a atualização do Qualis-Periódicos, a Comissão foi coordenada pelo Prof.

¹ A professora Emma Otta, da USP, fez parte do Núcleo Duro da Área nos anos de 2005 e 2006, sendo substituída, no ano de 2007, pela professora Zeidi Araujo Trindade.

**ANEXO 31 – COMPROVAÇÃO DE NOMEAÇÃO PARA O CARGO DE DIRETORA
DO CFH/UFSC NO PERÍODO DE 2004 A 2008**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
GABINETE DO REITOR
CAMPUS UNIVERSITÁRIO - TRINDADE CEP: 88040-900 - FLORIANÓPOLIS - SC
TELEFONE (048) 331-9320 - FAX (048) 234-4069
E-mail: gabinete@reitoria.ufsc.br

Florianópolis, 10 de dezembro de 2004.

PORTARIA Nº 1032/GR/2004.

O Reitor da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso da competência que lhe foi conferida pelo inciso IV do art. 16 da Lei nº 5.540/68, com a redação dada pela Lei nº 9.192/95, em conformidade com o disposto no referido artigo e no Decreto nº 1.916/96, e tendo em vista o que consta do Processo nº 23080.033256/2004-98,

RESOLVE:

NOMEAR MARIA JURACY FILGUEIRAS TONELI, Professor Adjunto, masis nº 59867, siape nº 1157712, para exercer o cargo de Diretora do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, código CD-3, integrante do Quadro Distributivo de Cargos de Direção e Funções Gratificadas de que trata a Portaria nº 0321/GR/97, de 16/01/97, para um mandato de 4 (quatro) anos, a partir de 27/12/2004.

Prof. Luíso José Botelho

SMTC/insto
P0712mgj

UFSC - GR
Publicado no DOU nº 243
Em 23/12/04 Seção 2. Pag. 14
Em 1/1

**ANEXO 32 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO COMITÊ DE
ASSESSORAMENTO DE PSICOLOGIA E SERVIÇO SOCIAL JUNTO AO CNPQ
NO PERÍODO DE SETEMBRO DE 2011 A AGOSTO DE
2014**



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Professora **Maria Juracy Filgueiras Toneli**, CPF: **314.966.366-00**, foi membro do **Comitê de Assessoramento de Psicologia e Serviço Social** deste Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, como **Titular**, no período correspondente a **01/09/2011 a 31/08/2014**.

Por ser verdade, firmamos a presente para os efeitos legais pertinentes.

Brasília, 2 de outubro de 2014

Eduardo Arrivabene Diniz
Eduardo Arrivabene Diniz

Chefe do Serviço de Apoio aos Órgãos Colegiados
PO 034/14



ANEXO 33 – COMPROVAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO NO CONSELHO EDITORIAL DA EDITORA DA UFSC

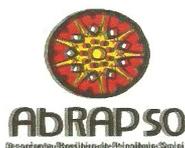
A Pró-Reitora de Cultura e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, no uso das atribuições que lhe confere o Artigo 6º da Resolução 059/CEPE/93,

RESOLVE:

PORTARIA Nº 013/PRCE/99 - DESIGNAR, a Prof. **Maria Juracy Toneli Siqueira**, prof. Adjunto IV, lotada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas/CFH, depto. de Psicologia, para fazer parte do Conselho Editorial da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, por um período de dois anos, a contar de 01 de outubro de 1.999.
(28.09.99)



ANEXO 34 – COMPROVAÇÃO DE COEDITORIA DA REVISTA PSICOLOGIA & SOCIEDADE



**PSICOLOGIA
& SOCIEDADE**

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os fins que se fizerem necessários, que a Profa. Dra. Maria Juracy Toneli desempenhou a função de coeditora da revista **Psicologia & Sociedade - periódico da Associação Brasileira de Psicologia Social**, no período compreendido entre janeiro de 2008 e janeiro de 2012.

Florianópolis, 26 de novembro de 2014.

Ana Lídia Brizola
Editora Executiva
Revista Psicologia & Sociedade
ABRAPSO Editora